

Witchcraft

BF

1584

I8D31

1783

CORNELL
UNIVERSITY
LIBRARY

Witchcraft

BF

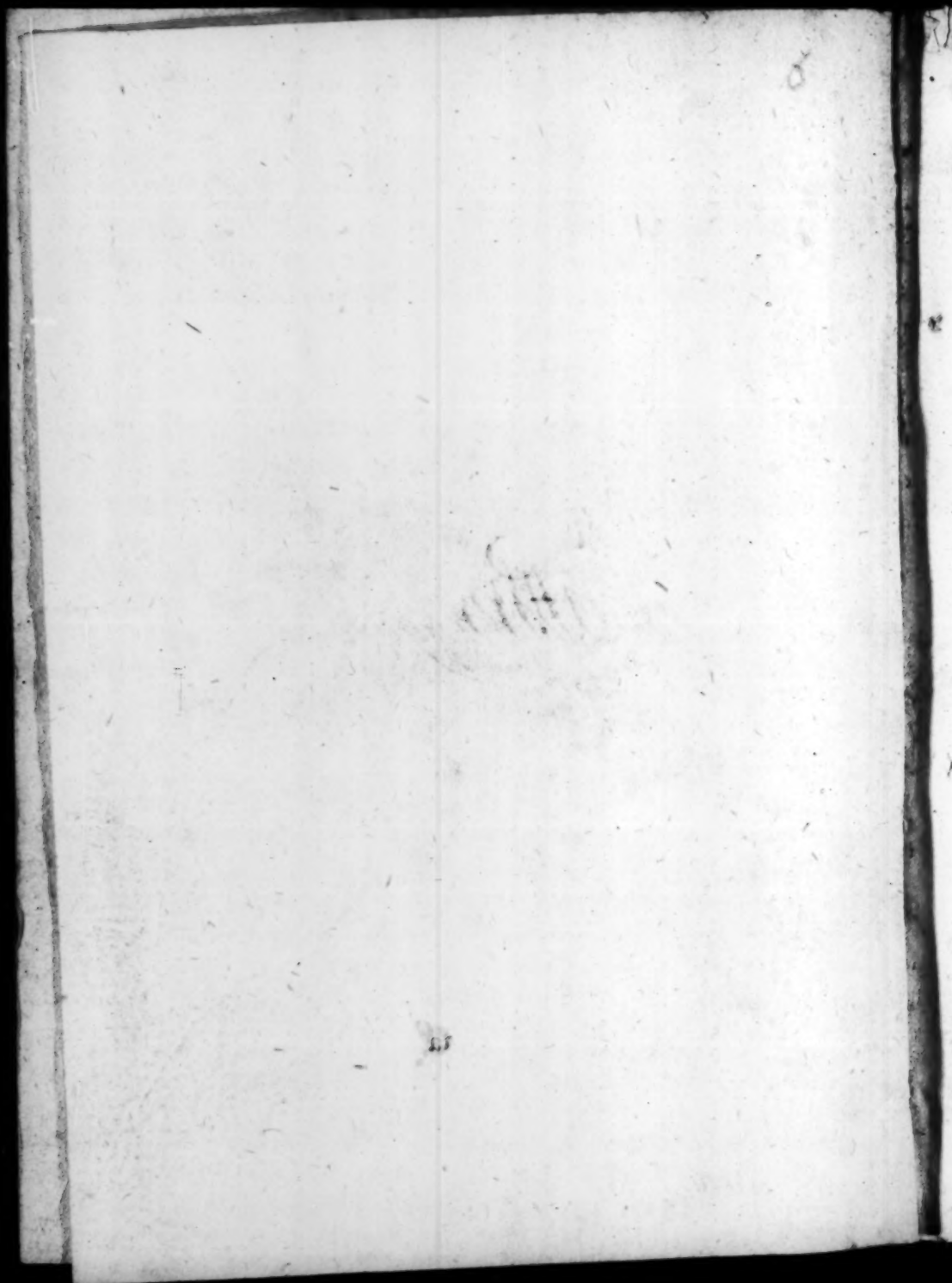
1584

I8D31

1783

CORNELL
UNIVERSITY
LIBRARY

Alfreda



DEFEZA
DE
CECILIA
FARAGÓ,

ACCUSADA DO CRIME

DE
FEITICERIA:
OBRA UTIL

Para desabufar as pessoas preocupadas
DA ARTE MAGICA,
E feus pertendidos effeitos.

 *M. Farago.*

LISBOA:

Na Officina da Academi. das Sciencias,
M. DCC.LXXXIII.

Com licença da Real Mesa Censoria.

GEORGE
W. A. G.
NOTARY PUBLIC

PHILADELPHIA
JANUARY 1877
IN WITNESS WHEREOF
I have hereunto set my hand
and the seal of my office
this 1st day of January 1877

[Signature]
A. S. O. A.

Notary Public for the State of New York
in and for the County of New York

3908 757
250

PREFEÇÃO.

Recebe o homem a penas começa a ouvir, e entender, grandes, e infinitas preocupações. As Amas, ordinariamente grosseiras, e supersticiosas, ora entretém as crianças com a medonha narração dos Lobishomens, e das Fantasma, que appareceram nos escuros lugares, [como

[como se receasse o demonio até a luz de huma vela] ora com os extraordinarios , e maravilhosos casos dos Magicos , e das Feiticeiras. Livram-se destes nocivos erros os Sabios , examinando , e pezando com criterio as opiniões de seus primeiros annos. Destes abusos pertendemos salvar os nossos Compatriotas , [que forem menos instruidos , e ainda os conservarem] pelo meio da presente Traducção , com a qual lhes facilitamos as doutrinas
do

do Original. Passáram os tempos, em que se rendia cega, e profunda idolatria ás extravagantes Disquifições Mágicas de Martinho Del-Rio. As grandes luzes, que actualmente illustram a Patria affortunada, não consentem que só os Catholicos da França, e da Italia, leiam na lingua materna as verdades do primeiro, e terceiro capitulo desta Obra. Deve chegar a todos esta verdade, fundada nas fantás Escrituras. Baixou dos altos Ceos o *Suspirado*

rado : o Deos de Poder sob-
jugou , e prendeo por mil an-
nos o dragão infernal , e ex-
tinguio [1] a Magia , e seus
encantos.

S. P.

(1) Mich. cap. 5. v. 11. *Auferam Malefici-
cia de manu tua , & Divinationes non erunt in
te. S. Hieron. Quibus ipse decipiebaris ab alijs ,
vel deceptus alios decipiebas. Isai. cap. 44. v.
25. Irrita faciens signa Divinorum , & Ha-
ricolos in furorem vertens. Tertull. adv. Mar.
lib. 4. cap. 25. Quis alius disjiciet signa ven-
triloquorum ?*



S. P. Q. R.

ORDIRAM dous
O ociosos, e indignos
 Ministros do Santua-
 rio, huma atrevida,
 e impudente calú-
 nia em nossos illuminados dias,
 attribuindo, e imputando á viu-
 va Cecilia Faragó, da terra de
 Soveria, a culpa de ter morto
 com malefícios ao Sacerdote D.
 Antonio Ferrajolo. Merecem os
 inventores do crime a pena, e
 exemplar castigo, com que n'ou-
 tro tempo costumava punir a Lei
 Rhemnia os impostores. Estes fa-
 mosos

mosos homens, que, instigados da cobiça, e já de huma consciencia sem remorsos, maquinaram o imaginado delicto, saõ os Conegos D. Domingos Vecchiti, e D. Francisco Biamonte;

A origem da infelicidade da viuva foi o testamento de André Gareri, seu filho, que, seduzido em a ultima hora, instituio a D. Francisco Biamonte por universal herdeiro fideicommissario dos grandes bens que possuia; pondo-lhe a obrigação de hum perpétuo legado de Missas, ditas pelos Sacerdotes da sua patria; e nomeou a D. Domingos Vecchiti por executor da sua vontade. Havia já feito Lourenço Gareri inteira doação de seus bens a André Gareri, seu filho,
em

em contemplação do Matrimónio ; mas reservára o usufructo para si , e sua mulher (que he hoje accusada) em quanto vivessem.

Este testamento , que não podia logo transferir os bens aos chamados , e sem se encherem as condições , bastou aos astutos Conegos para despojarem a viuva , não só dos bens do marido , mas de quantos lhe pertenciam , ou dotaes , ou adquiridos. Reduzida assim ao estado lastimoso de não ter de que viver , se determinou a demandar os Conegos na Audiencia da Provincia. Sabiam os expertos adversarios , que proseguindo a viuva a causa lhes tiraria das mãos a pingue herança , que usurpára

a cobiça , e lançando mão ardis-
losa dos enganos resolvêram ar-
ruinalla com algum testemunho
falso , para impedir , e estorvar
o emprendido letigio. Imputá-
ram-lhe (não podendo crimina-
la com verdade) o crime de fei-
tiçaria , publicando , que ella ma-
tára com o poder desta arte ao
Sacerdote D. Antonio Ferrajolo,
que morreo tifico , e penára en-
fermo por mais de finco annos.
Deram a entender a Victória
Rossetti , mãe do defunto , que
Cecilia Faragó com maleficios
lhe matára seu filho , só por ser
Sacerdote daquella terra , aos
quaes todos ameaçára de matar :
e persuadíram-na a não sepultar
o cadaver. Espalhada a fama do
inventado crime , fizeram os Co-
negos ,

negos , affistidos dos parentes , encarcerar a innocente viuva com a maior acceleraçaõ , sem permissaõ do Juiz , sem Rosssetti querelar : e em tempo que o Governador das Justiças estava ausente. Obrigáram ao Agente do lugar , e ao Carcereiro a dar as chaves da cadeia , que justamente lhe negavam ; e de propria authoridade não só a prenderam , mas a fizeram carregar de ferros ; e aproveitando-se da oportunidade deram faco á casa da infelice.

Sobornada Victória Rosssetti pelos Conegos , começou a fazer em Juizo a figura de querelante a 4 de Fevereiro de 1769. Expoz na Audiencia daquella Provincia a ajustada queréla contra

tra Cecilia Faragó, e pedio que se tirasse devassa deste delicto. Foram commettidas as diligencias á Justiça de Soveria, sendo no entretanto tratada a viuva na prizaõ daquella terra com barbara Africana tyrannia: em fim foi passado ao carcere da Audiencia, depois de longuissima discussaõ no Foro do lugar, e no de Rossetti.

Apresentada a devassa na Audiencia; devassa, que provocava enjão pela sua desordem, e ouvida a deposição do Doutor Fyfico D. Ignacio Larussa, se commetteo nova informaçã ao Escrivaõ Tabelliam José Orla, e se pôz a viuva em custodia. Apenas Orla tinha dado principio a este negocio, quando Rossetti

fetti instou que se fiasse o desempenho desta diligencia a hum dos Regios Ministros daquelle Tribunal; e com effeito alcançou que o Ouvidor D. Raymundo de Elia, Commissario da causa, executasse quanto se decretára; e como se queixavam, a querelante dos maleficios que matáram seu filho, e a accusada de calúmnia que ordíram Rosfetti, e os Conegos, se ordenou informação sobre a verdade dos factos.

Eis-aqui, pois, quanto se quer estabelecer pela devassa do Ouvidor: Principia-se pela morte de André Gareri, succedida em o anno de 1766, o qual reduzio toda a sua fazenda a hum legado de Missas em beneficio do

do Clero de Soveria: pertende-se que Cecilia Faragó se estimulára gravemente da justa disposição de seu filho, e demandára sem razão o Clero; mas que opondo-se ás suas pertencções, em nome dos Sacerdotes, os piedosos Conegos D. Domingos Antonio Vecchiti, e D. Francisco Biamonte; D. Sebastião, e D. Antonio Ferrajolo, a viuva os amaldiçoára, e ameaçára com a morte por maleficio; e que com effeito executára a ameaça em o mez de Setembro de 1768, fazendo compor huns pós com feitiços por certa mulherinha Cantanzarese, chamada Anna Scarcello, e fazendo-os lançar sobre Ferrajolo por Laura Fratto, sua sobrinha. Além disto se affirmava,

ma, que na manhã de hum Sab-
bado, que se não sabe qual fos-
se, em quanto D. Antonio can-
tava ao órgão da Cathedral, Ce-
cilia Faragó, que estava em acto
de quem rezava ao Altar, lhe
lançára huns olhos tão malignos,
que de repente lhe enrrouquecê-
ra a voz; e que dahi em dian-
te se observára emmagrecer o
Padre de dia em dia, e ir em-
peorando de forte, que acabára
a vida em o mez de Fevereiro do
anno passado. Affirma-se, que no
mesmo dia, em que morreo Fer-
rajolo, fora a viuva á Cidade
de Catanzaro para que Sarcello
desfizesse os feitiços; e que mo-
strando-se a feiticeira repugnan-
te, cedêra, em fim, por regalo
de cem ducados que lhe offere-
ceo

ceo Armenio Anselmo , homem de bem , que acompanhava a viuva naquella jornada ; prometendo ir a Soveria obrar maravilhas da sua arte , e restituir a Ferrajolo a saude , que lhe não puderaõ dar dous Medicos. Morreo. , em fim , como disse , no mesmo dia o enfermo Ferrajolo: foi presa a viuva ; e está já formado hum volumoso processo em prova da realidade do maleficio commettido.

Esta famosa , e pequena novella que tenho exposto com a mesma ordem , com que os Conegos , não o Fisco , a tramaram , e ordíram , e com que pretendem sumir a viuva , não fò foi motivo de grande riso nos Ministros da Audiencia ; mas excitou

citou generosa indignação em o
animo do piedoso Advogado do
Regio Fisco D. Antonio Bran-
cia , que ha seis annos sustenta
com exactidão , e desempenho
hum cargo tão delicado , e go-
za em paz do applauso univer-
sal ; não soffrendo ver tentada
por pessoas addictas ao Altar hu-
ma tão negra calúmnia ; e con-
cebendo aquelle horror devido
às oppressões buscadas pelas
mãos da Justiça : mostrou este
grande Jurista com elegancia , e
vehemencia , que se não devia
proceder pela devassa tirada ;
mas que se devia tirar outra dos
que de propria authoridade pren-
dêram a viuva ; e com effeito
se decretou na Audiencia qua-
si conforme ao seu requerimen-
to

to (1). Desta determinação agravou a querelante para o superior Tribunal ; aonde se deve tratar hoje esta causa em gráo de appellação. Esperaõ os Conegos , patrocinados de hum grande Advogado , que serve a causa , e se explica contra os seus nobres sentimentos , causar neste superior Tribunal á viuva os danos , e calamidades , que no Tribunal da Audiencia , com grande dispendio , lhe procuráram ; mas em vão. Devendo defender a viuva innocente , e opprimi-

(1) Eis-aqui as palavras do Decreto da Audiencia; *Die 23. mensis Augusti 1769. Proposita informatione per D. R. O. & Auditorem, visa instantia Regii Fiscii, ipsoque Audito, non procedatur, & cassetur consignatio & pro executione Regalis Rescripti fiat relatio suae Majestati, & intimetur.*

primida das escandalosas impo-
turas, que lhe suggerio a avare-
za, dividirei o meu Discurso em
tres capitulos. Mostrarei no pri-
meiro a natureza, e indole da
Magia, e farei ver que todos
os seus effeitos, que tanto se
contam, são insulfas loucuras de
fanaticas mulherinhas; e que não
obráram bem os Magistrados em
punir com o delicto huma triste
queixa do cérebro. Em o segun-
do demonstrarei com as leis da
Arte, e com o mesmo Proceſſo,
que o Sacerdote morreo como
acabam os tíficos, tendo as cir-
cunſtancias que concorrem nesta
natural enfermidade: neste mes-
mo capitulo mostrarei a grande
impericia dos Medicos, cujas
diſpoſições ſe lem nos Autos; e
prova-

provarei que as leis dispõe que severamente se castiguem. Procurarei pôr em claro no terceiro capitulo qual seja o espirito das leis, que punem aos feiticeiros, e quaõ injuriosas as impias mentiras de que abunda o Processo; e finalmente, que valor tenham os indicios que se uniram para fundamentar hum crime imaginado, e fabuloso.

C A P I T U L O I.

*No qual se mostra naõ haver
Arte Magica.*

EM o nobre assumpto deste primeiro capitulo se me offerece amplo, e dilatado theatro de Divinas, e Humanas Letras;

tras ; mas não esperem de meus pobres talentos aquella exacção, que pede materia tão delicada ; porque ainda que em mim houvessem as precisas forças , não permite o breve termo de poucos dias que se me deo , e foi prescripto á causa. Por estes motivos espero , que as duras circumstancias em que me acho , me fação digno , não de perdaõ , mas de piedade.

Teve origem na ignorancia , e na fantasia quanto se tem criado em o decurso dos seculos sobre os prodigios da Magia , e do poder daquelles , que hoje com voz Latina chamamos *Magos* , e *Magicos*. Foram os seculos nos quaes maior reputação tiveraõ os *Magicos* , e as suas
estu-

estupendas obras , aquelles em que menos se foubaram as Artes , e Sciencias , e em que menos cultos foram os Povos. As Nações que mais abundáram , e ainda hoje abundam de Feiticeiros , e Feiticeiras , são aquellas , cujo clima he menos temperado , e aonde se vive com a pia , e dura meninge mais sujeita á vehemente impressão do ar. O vulgo , aonde a ignorancia tem o seu throno sobre fundamentos eternos , foi sempre o pai de quanto se imaginou sobre Magicos , Bruxas , Spectros , Sombras nocturnas. Os Poetas , creadores das fabulas , homens , cujas fibras do cerebro estão demasiadamente esquentadas , e sonham vigiando , foram os invento-

ventores de quantas imaginadas, e loucas Deidades adoráram os Antigos. Bebendo os homens os prejuizos com o leite, muitas vezes por culpa de ineptas, e grosseiras amas, e imprimindo-se-lhes estes no sentido commum, estabeleceram com o tempo mil estranhas opiniões. Quanto em summa se tem falsamente crido sobre feiticarias teve origem, ou na ociosidade de animos ignorantes, ou na enfermidade do cerebro.

He verdade que não faltam
 Authores que sustentáram fer a
 Magia huma producção da Po-
 litica; e deste parecer se decla-
 raram os Inglezes Escritores da
 Historia Universal (1), em a
 B qual

(1) Historia Universal, volume 1, parte

qual escrevêram que fora esta Arte introduzida por astutos, e poderosos Principes, que permitíam em seus Estados grande numero destes vís subditos, chamados Magicos, Encantadores, e Astrologos, os quaes recebiam instrucções dos Primeiros do Governo em os negocios de Estado, e depois com summo ardil as communicavam aos que continuamente os cercavam. Deixo de averiguar os mysterios desta profunda reflexaõ, e passo a mostrar claramente, que a ignorancia he quem gera os imaginados desvarios de feiticerias, o que se vê com clareza pelos effeitos contrarios, que produziram as Sciencias. Examinarei primeiro que
caso

caso fizeram da Magia os que por seu saber foram famosos na Antiguidade.

Nos Gregos Escritores, por quem devo começar, o mesmo vocabulo que quer dizer *encantos* (1), significa tambem *impostura*. Querendo Vopisco (2) dar huma idéa da estimação, que na Grecia teve a Magia, faz dizer a Apollonio, que a força da Arte Magica consiste no engano, e na loucura dos enganados; mas que he verdadeiramente Arte, porque dá lucro aos que nella se fingem doutos. Assim estimáram os Filósofos a nossa Magia.

Plutarco, Author de immorttal merecimento, escreveu a vi-

B 2

da

(1) É *Manganeia* (2) Vopisc. in Aur.

da de setenta Filósofos. Laercio nos deo a vida, as obras, e os systemas, não de setenta, mas de quantos foram célebres. Antes deste, Sexto Empirico, e Eunapio escrevêram sobre as vagas opiniões, e doutrinas de não poucos Sabios; e conservamos hoje os seus Opusculos. De todos estes se não acha hum só, que nos diga ter havido Filósofo, que ou cuidasse em Magia, ou désse credito as vãs, e ociosas cantilenas desta Arte.

Plataão, hum dos mais illuminados, de quem tanto se desvanece a mesma Grecia, fallando contra os Sofistas, põe os Magicos em o número dos Charlatães, e Chocarreiros (1), e
no

(1) Chama-lhe *Thaumatopoiói*, termo, que

no Livro das Leis (1) censura o costume dos que persuadem que fallam com os mortos, e que fazem encantos; os quaes enganos se não podem destruir com facilidade: e muito se enganam os que materialmente ouvem, ou lem o que elle diz em os seus Dialogos dos demonios assistentes, entre os quaes metteo o favoravel Genio de Socrates, seu Mestre. Este admiravel Filosofo escondia debaixo de mysteriosas sentenças os thesouros da sua sabedoria; de forte, que se estabeleceo em hum lugar (2) deverem-se curar os animos com a virtude dos encantos, expli-

convém aos Charlatães, e aos Magicos.

(1) Tom. 2. pag. 598. (2) Apoll. Socr. t. 2. p. 155.

explica em outro q̃ os bons discursos são aonde se fórma, e pule o animo (1). Aristoteles, que escreveo para gente de nobre entendimento, não podia fallar das indignas frioleiras da plebe: calando as vilipendiou. Todos os Peripateticos, que foram innumeraveis, concordáram com elle. Foram ignotos os arcanos da Arte Magica a Democrito, Epicuro, e Pythagoras; nem os seus systemas davam lugar a tal crença. Não houve, em fim, naquella culta Nação hum só Filosofo, que ou fosse entendido na Magia, ou rendesse vassallagem ás ridiculas bugiãis, com que as velhas do seu tempo charlataneavam,

Não

Naõ ha Historiador Grego ,
que memoria faça das maravi-
lhas da Magia acontecidas na
Grecia , nem de cousa alguma
que se lhe possa attribuir. Que
cousa mais admiravel , e digna
do que esta se poderia transmit-
tir á posteridade ? Nem a dili-
gencia exacta com que escrevê-
ram nos dá motivo para julgár
que o occultáram. Lemos em
Herodoto , que he o seu Histo-
riador mais antigo , que na Per-
sia eram chamados Magos os que
professavaõ interpretar os sonhos
(1), predizer as venturas , e fa-
zer vaticinios ; mas por varios
successos , que delles nos refere
este claro Escritor , sabemos que
foram impostores , e taõ pern-
ciosos

(1) Herod. l. 1. c. 107.

ciosos ao Estado , que até tentaram usurpar os poderes Reaes , e fizeram cousas taes , que os Persas excitados fizeram nelles universal carnagem , que depois se chamou Magicidio (1).

Prova Herodoto quam fallazes eram os seus prognosticos com a grande perda de Xerxes , succedida na Grecia , sendo causa hum sonho , sobre que lhe predifferam plena victoria. Xenophonte só conhece por Magos aquelles homens religiosos , que no reinado de Cyro estavam determinados para cantar hymnos aos Deoses , e fazer diariamente sacrificios a Vesta , e a Jove (2); e o grave Thucidides não tem huma só palavra em todos os

(1) Herod. l. 3, c. 61. (2) Xenophont. l. 8.

os seus livros ácerca dos Magos. Escreve Diodoro os prognosticos , e oráculos dos tempos fabulosos , mas quaes se contavam ; porém não faz menção de prodigios de Magia de seu tempo. Polybio , que entre os Historiadores merece as primeiras honras , ria-se dos Magos , e das suas loucuras ; e o credulo Dionysio de Halicarnasso , que affirmava darem-se (ainda que as não vio) aparições , e portentos , os julgou effeitos da Providencia , mas não da Magia , porque a não conheceo.

Naõ he para desprezar entre os Gregos o parecer de Strabaõ , o qual estimava ser a Magia hum bello fugeito de elegantes comedias , mas não das nossas confide-

fiderações , e cuidados (1) e querendo no livro decimo definir os enthusiaſmos , diz , que ſão companheiros da charlataneria. Luciano , varaõ de nobres talentos , e que eſcreve com elegancia , e amenidade , teve por patranhas plebêas as palavras dos encantos , os octagonos , os aneis encantados , com que ſe reſuſcitavam os mortos maridos , ſe transformavam os homens em feras , ſe curavam as mordeduras das viboras , ſe tiravam as almas do inferno , e ſe obravam iguaes maravilhas : de tudo zombou , eſcrevendo neſte aſſumpto muitas obras , com que divertio , e moveo o riſo dos ſeus Leitores.

Hippocrates , Author de ſingular ,

(1) Strab. liv. I. pag. 85.

gular , e grande sciencia , numerada a Magia entre os engenhosos artificios da plebe , da qual se ostentavam sabios alguns do seu tempo , vendendo , e espalhando saber curar a gota coral , que por isso chamáram mal sacro , e divino (1) ; e mostra , que tudo quanto faziam estes taes , eram só simples ficções para enganar os nescios , os fatuos , e os simples. Galeno , Commentador das Obras de Hippocrates , persuadido de que os encantos são loucuras , julgou couza indigna escrever sobre esta materia huma só palavra ; e Jeronymo Tartarotti (2) se engana crendo que este espirito sublimem ,

(1) Hipp. de Morbo Sacro. (2) Tartarot. Apolog. p. 44.

me , em hum lugar das suas Obras , approvára os maleficios , o qual lugar o Author da *Arte Magica Anniquilada* mostrou com summo criterio , ser apochryfo.

Taes foram as opiniões dos melhores Engenhos desta Nação, a mais douta , e a mais polida. Com igual aviso , e prudencia conhecêram os Latinos as imposturas dos Magicos , não dando fé ás suas loucuras , como nos consta de Plutarco , que escreveu a vida de não poucos illustres Romanos. Cicero , que pela vastidão de sciencia , raros dotes , e qualidades de seu espirito , merece a coroa entre todos , com que desprezo não detestou as loucas extravagancias dos Poetas , que fabuláram torpes

pes Deidades , perdidas em monstruosos appetites , e maldades ? Com que vilipendios não tratou as fatuidades dos Egypcios , os prodigios dos Magicos , e todas as indecorosas opiniões , que segue o vulgo inconstante , e supersticioso (1) ?

Este grande homem não perde occasião , em que desacredite a Astrologia dos Caldeos , a Meteoronomia dos Etruscos , as predicções das Feiticeiras , e os Aruspices de todos os Povos. Horacio , o maior Filosofo dos grandes Poetas , não so collocou a Ma-

(1) Eis-aqui as suas palavras ; *Cum Poetarum autem errore conjungere licet portenta Magorum , Aegyptiorumque in eodem genere demerentiam , tum etiam vulgi opiniones , quae in maxima inconstantia veritatis ignoratione versantur.* Cicer. de Nat. Deor. lib. 1.

a Magia em o número dos ridiculos, e infulsos despropósitos; mas foi de parecer que o varão sabio, e de bem, devia ter o animo livre do prejuizo, e de maneira que se pudesse rir das maravilhas dos Magicos, das Bruxas, dos nocturnos Lemures, dos prodigios Theffalicos, e de toda a Magia (1) Tito Livio, Historiador igual á gravidade Romana, faz muitas vezes menção de Aruspices, e de prodigios, os quaes, sendo annun-

(1) Não se póde desejar Poesia mais clara, na qual exprime Horacio o conceito, que fazia dos Magos. Falla a hum seu amigo:

Non es avarus: abi. Quid? cactra jam simul isto

*Cum vitio fugere? caret tibi pectus inani
Ambitione? caret mortis formidine, & ira?
Somnia, terrores magicos, miracula, sagas,
Nocturnos Lemures, portentaque Theffala rides?*

annunciados se registavam em os Annaes; porém nunca falla, ainda que era Espectador, de magicos encantos. Cesar, que nasceo, e foi creado para Senhor do Universo, alma verdadeiramente heróica, vilipendiou sobre maneira as ridiculas loucuras das Feiticeiras, e nem as quiz ouvir. Escreveo Cornelio Nepote as vidas de tantos Varoens illustres, e nunca faz memoria dos Magicos. Cornelio Tacito, Mestre da Politica, mostra em seus Annaes a simplicidade dos que correm atraz da vã gloria dos Caldeos, e arcanos dos Magicos; e se conta os maleficios obrados contra Germanico, e os humanos membros desenterrados, que sobre a terra appare-

apparecêram , adverte Lipsio , que Tacito os descreve como factos , de que só o vulgo se persuadia (1).

Suetonio esteve tão longe de crer na Magia , que chama nescio a Neraão ; porque recorreo a Magicos para effectuar alguns de seus desejos. De proposito contam Valerio Maximo , e Julio Obsequente os milagres dos Antigos , que hoje no Christianismo se detestam por falsos ; porém não se lê em seus Escritos memoria alguma das ridicularias da Magia. Descreve Ammiano a Delfica cortina , e o anel , que dava as respostas em verso heróico (2) ; mas quem entende as graças

(1) Lipsi. ad Ann. lib. 2. (2) Ammiani. l. 29. c. 1.

graças Latinas percebe logo que elle com arte zombava da cortina, e das mais populares crenças. O celebre Plinio he hum dos maiores inimigos, que temtido a Magia. Escarnece em toda a sua Obra os oraculos, e os encantos : chama aos Magicos, astuciosos, e velhacos em occultar enganos; descarados, e sem vergonha em maquinar (1); follicitos em vender aos simples, com o auxilio da Religião, e da Arte Medica; ridicularias por fortilegios. Seneca, que entre os Gentios foi raro exemplo de virtuosos costumes, e quasi semelhantes á exacta Moral do Redemptor, nas suas Questões Naturaes mostra que os Magicos en-

C

cantos.

(1) Plin. Apolog. l. 3. c. 9. e 10.

cantos alcançaram crença em os seculos ignorantes, mas não quando florecêram Filósofos (1); e de quanto escreve neste lugar este grande Author me servirei com justo motivo em o Capitulo terceiro. Que mais he preciso dizer? Sparciano, Sallustio, Floro, Aulo Hircio, e outros de igual celebridade, não conhecêram Arte Magica; e todos os Medicos, excepto Marcello, que foi hum fanatico (2), foubaram, e julgáram pelos damnos, ou vantagens dos solidos, e fluidos, a ordem da Natureza, e nunca a Arte de maleficios.

Estas foram as opiniões dos
Varões

(1) Senec. Quaest. Nat. l. 4. c. 7. (2) ~~Senec.~~ ensinou que se o doente de esquinencia dissesse, movendo a mão, *crisi*, *crasi*, *sincrasi*, *fararia*. Não se póde pensar peor.

Varões illustres, de que tanto se
préza a Antiguidade. Teve a
Magia credito naquelles tempos,
mas foi na gente do povo : os
seus sequezes eram pessoas idio-
tas, porque o corpo dos Litter-
ratos a desconheceo, e despre-
zou. A ignorancia he quem faz
mysteriosos os arcanos dos Ario-
los, e quem cria, e nutre a Ar-
te Magica. Della nasceo o que
lemos dos tempos barbaros, nos
quaes jazeo infepulto por mui-
tos dias o cadaver de Silvestre
II, por se achar na sua camara
hum livro de Mathematica, cheio
de figuras, que então se julgou
de Nigromancia : tão cheio de
trouxas era aquelle seculo, em que
morreo (1) ! Sabemos de

C ii

hum

(1) Pagi in vita Silvest. II. & Natal

hum erudito Escriitor (1), que Francisco Petrarca fora accusado ao Papa Innocencio VII, por hum Canonista, do crime de Magia, por ler Virgilio, reputado naquelles tempos Magico detestavel. Achamos que Porta, porque sabia alguns segredos naturaes, fora accusado de Feiticeiro (2). Refere Monsenhor Davanzati, Arcebispo de Trani (3) que no anno de 1690 fora preso em Florença, pela Inquisição da mesma Cidade, o Marquez Scotti, por fazer ver ao povo algumas maravilhas, como quem

Alex. t. 6. Hist. Eccl. cap. 1. art. 26.

(1) Gian Rinaldo Carli nella lettera al Tartarotti. (2) *Qui me immemorate lancinantes me Magum veneficum esse.* Porta in Proemio Mag. Natur. (3) Davanzati nella Dissertazion de Vampirj.

quem conhecia as occultas bellezas da Natureza; e o Marquez Maffei (1) relata, que elle, e Seguiér foram tidos, e presos por Magicos em Verona, porque nas públicas experiencias, pela virtude electrica, accendêram huma vela, encostando-a na agua fria, cousa que ainda se não tinha visto, nem ouvido. Assim succede sempre, quando se mostram ao vulgo segredos, e verdades occultas.

Foi reputada Magia a Proffissão das Mathematicas em os seculos incultos; e no Codigo ha hum titulo, em que se dá providencia sobre o castigo dos Mathematicos. Refere Naudé na sua Apologia dos Homens illustres

(1) Maffei nell' Arte Magic. Dileg. §. 4.

ftres fufpeitos da Magia, que antes de Fernando Rei de Caftella, corria 'a voz de fe ensinar a Magia Benefica em Selamanca, nas escolas de Mathematica que alli floreciam. No tempo dos Longobardos (quando em Italia reinava a ignorancia) era tão grande a crença de Feitiçaria, que o vulgo matava por fuas mefmas mãos as mulheres fufpeitas deſte crime. Daqui nafceo que Rotaro, Principe, a quem o Author da Historia Civil (1) tece mil encomios, e que foi o primeiro que deo Leis eſcritas áquelle povo, providenciou como devia fobre a vida deſtas infelices. Na Germania, antes

(1) Pietro Giann. Iſt. Civil. del Regno di Nap. lib. 4. cap. 6.

antes que fosse illuminada pela grande obra de Christião Thomasio, bastava ter huma mulher os olhos avermelhados para ser castigada severamente como Feiticeira.

Que confusão não devem causar nos animos ignorantes as maravilhas da Natureza, cujas causas são occultas, portentosos os effeitos, infinitos, e inacessiveis os caminhos, pelos quaes parece que se obram cousas desproporcionadas ás suas forças? Que ha de ser, se até os Sabios, ou não conhecem os seus profundos mysterios, ou se fundam em debeis conjecturas para se representarem seus interpretes? E com effeito, que admirações não causáram os grandes portentos da
pedra

pedra iman ao Santo Padre Agostinho (1) , enchendo-o de horror, e espanto ? Que estranheza não causou a Caio Caligula o ver, pouco distante da praia Romana , o seu capacete detido por hum pequeno peixe, chamado *Rémora* (2) ; no qual ha tanta virtude, que basta unir-se a hum navio, para lhe suspender o curso , por veloz que navegue, enfunadas as velas (3) ?

A quem não parecerá deform da Natureza ver as borboletas nascidas de certos bichos, que roem o grão , viverem, e produzirem sem cabeças, como
as

(1) S. Aug. de Civit. Dei, lib. 21. c. 4.

(2) Tillemont na vid. de Calig. art. 19.

(3) Referem a virtude deste peixinho Arist. Hist. Anim. l. 2. c. 14. Hoffm. na palavra *Rémora* ; e outros,

as vio Garmanno (1)? Refuscitarem as viboras affogadas , e fufpenfas por tres dias , só com as pôr no geſſo? Renascerem os braços aos caranguejos , e lagostas , como vio Roberto Boile (2)? Virem a fer todos os pedaços do polypo partido inteiros polypos , como entre outros Naturaliſtas o obſervou miudamente Arrigo Bekero (3)?

Deleitando-fe obſervam , e averiguam os Entendidos , grandes milagres da Natureza , descobrindo diariamente milhares de maravilhas. Viam-fe eſpecialmente em Inglaterra , e por homens não preoccupados , nem fana-

(1) Garmanus de mirac. mortuor. lib. 2.

(2) Boile de util. Philoſ. Nat. part. 2. c. 1.

(3) Beker. na Hiſt. Nat. do Polypo.

fanaticos , torvos aspectos de mortos ; e com segurança se julgava que se levantavam dos sepulcros , e que eram deputados para encher de medo , e afflicção áquelles , a quem appareciam ; mas o douto Bacon de Verulamio , a que alguns perseguidos recorrêram , os pôz a salvo deste horror , mostrando com o exemplo da *Palingenesia* (1) ser isto naturalissimo effeito da virtude ,
que

(1) Palingenesia , isto he , nova vida , foram seus Inventores os Inglezes , os quaes tem feito a experiencia sobre as plantas , e passaros ; e esperamos , que a sua Academia Real a faça tambem nos homens. Eis-aqui como fazem esta operação , segundo a descreve hum Anonymo Francez , cujas palavras refere Constantino Grimaldi na Differtação sobre as tres Magias. Tomam , por exemplo , huma flor , queimam-na , e depois lhe ajuntam as cinzas , de que tiram o sal por meio da

que tem as partes feminaes para se reunirem na mesma situação, que antes de separadas tiveram pela Natureza. Pegou este grande Homem de huma bengala, e ferindo a sombra a destruiu; e mandando depois cavar o terreno perpendicularmente, se achou a ossada de hum cadaver, conforme tinha predito o egregio Filosofo. Sabia Bacon a virtude dos atomos feminaes,

da calcinação. Mettem este sal dentro de huma garrafa de vidro, aonde lhe misturam certa composição capaz de o pôr em movimento. Desta materia, agitada do calor, se levanta a apparencia de hum tronco com ramos, e flor, que renasce de suas cinzas. Apenas cessou o calor, desapparece o espectáculo, e a materia se desfaz, cahe no fundo, e se reduz ao seu cahos. Tornando o calor resuscita esta nova Feniz vegetavel, escondida nas cinzas; mas assim como o calor lhe dá vida, a sua falta a mata, e a acaba.

naes , de que não duvidam hoje os Peritos , e de maneira , que na Cidade de Altamura , hum meu amigo fez a experiencia com hum ramo de alecrim , que pôz no fogo em tempo de Inverno , e fechando a janella só com a vidraça , achou na manhã seguinte impresso no vidro o alecrim com seus ramos , e folhas , que a virtude das particulas seminaes unio , e o grande frio congelou no vidro.

Esta he a causa , porque nos lugares , em que houve grandes batalhas , e carnagem de numerosos Soldados , e nos cemeterios , aonde entre a immundicia se confunde multidaõ de cadaveres , se viram muitas vezes pallidas fantasmas , que sendo
exhala-

exhalações de halitos venenosos, que os corpos corruptos de si lançavam, fizeram nas pessoas, que amedrontadas as viram tristes, e lamentaveis damnos, como sabemos de Conrado Gesnero (1), e outros Authores de grande nota. A gente que por infelicidade vive nas espessas trevas da ignorancia, até desconhecem os termos da Historia Natural, e da Fyfica. Tudo quanto obra a Providencia fóra daquelles limites,

(1) São estas as suas palavras: *Hujusmodi legimus noctu in variis locis interdum apparere, praesertim vero circa Templum, & coemeteria, ubi ex defunctorum corporibus multi, pinguesque halitus prodeunt, quos vulgus conspectos reformidat, daemones quosdam, vel manes existimans, idque eo magis, quod afflatus ex eis saepe sint noxii, sed noxam in halitus hujusmodi putrefacti naturam rejicere convenit, quam timor etiam auget. Gesnerus de raris, & admirab. herbis Lunariis part. 12.*

mites, que os nescios lhe prescrevêram no amplo reino da Natureza, julgam Magia, Fantasma, e Milagres.

Chegam a isto as extravagancias da ignorancia. Ha huma planta chamada milfurada, (*Hypericon perforata*) que os Botânicos dizem ser deterfiva, e diurética; e que a tintura das suas flores em o espirito de vinho he o melhor remedio para a melancolia, e loucura (1). Os obfessos, que quasi sempre são agitados de humores hypocondriacos, e maniacos, recebem desta planta grandes allivios; mas o povo, que não sabe estes mysterios; a crê supersticiosa, e inimiga

(1) Lea-se Gerardo no Tratado da Botânica, e Turnesfort na Historia das Plantas.

miga dos malignos espiritos; e por isso lhe chamáram *Fuga demonum*, *Affugenta demonios*. As flores do til discutem, e são cephalicas; e por esta causa postas de infusão em agua, e tomadas por muito tempo, curam a epilepsia, e todas as doenças, em que as convulsões fazem o objecto principal. Os que no tempo dos Gregos lhe não conheciam a virtude, a davam, debaixo de enganosas ceremonias, por bebida divina aos que padeciam gota coral, doença que se reputava divina. A verbena he huma planta muito propria para toda a enfermidade, que procede de causas fleumaticas: aproveita nas molestias dos peitos, na gota, nas chagas podres, nas desinterrias,

rias, e toffes inveteradas; e por tantas qualidades lhe chamaram os Antigos *Herva Santa* (*Botané*). Como he cheia de fal volatil, e de licores acres, ensinou (1) a experiencia fer apta para moderar appetites amorosos. Lançaram mão disto os velhacos, e embusteiros, e della compunham os filtros amatorios, que vendiam aos crédulos por feitiços. Nasceo daqui fabular-se tanto sobre esta planta, que, entre muitas frioleiras, se asseverava, que os Magicos faziam felices, ou desgraçados aquelles, a quem a davam, segundo a maneira, com que se tinha colhido, que era com

(1) Com a analyse chimica se lhe tiram licores muito acres, muito fal volatil, copia de oleo, e terra.

com a mão direita , ou esquerda , estando dentro de hum circulo , e antes de ver o Sol , ou Lua.

O azougue , e o arsenico ao pescoço livram do contagio ; de que Valesnieri (1), e outros mostram a razão ; mas os Padres , e Theologos , que não souberam Fyfica , reprovaram este , e outro qualquer preservativo desta sorte como superstição. Chama Origenes aos amuletos *mudos effeitos da illusão do demonio* (2), mas porque ignorava que os seus benignos effluvios , introduzidos pelos vasos bibulos na massa do sangue , davaõ a saude : não sabia

D que

(1) Vallisn. delle nuova idea del mal contagioso.

(2) Orig. in tract. 3. in Job.

que Democrito (1) tomando o
pam quente por amuleto, lhe
ajudára este a prolongar a vida;
e que Galeno (2) experimentára,
que a raiz da peonêa, ligada
ao pescoço dos meninos, os
livrava do mal epileptico. Sabe-
mos de Castrodó (3), que a
herva pé de gallo, enrolada nos
pulsos, costuma livrar das febres.
Poderia apontar mil outras se-
melhantes phylacterias, se qui-
zesse dar relação miuda, e com-
pleta.

Prendem-se por Magicos os
que sem prejuizo proprio apa-
nham, e trazem consigo vivas
as

(1) Diog. Laert. lib. 9. de vitis Philosoph.

(2) Gal. de singl. medicam.

(3) Castrod. dell' Ist. Crit. de' segni,
tom. 5. cap. 1. es. 4.

as viboras ; porém Mizaldo (1)
ensina ser hum effeito do rabão ,
com o qual o que esfrega as
mãos , póde manejar seguramen-
te os animaes venenosos. Des-
cobrem Castrodo (2) , e Matta
(3) os enganos dos que se fa-
ziam crer Magicos por appare-
cerem luminosos no meio das
trévas , advertindo-nos ser isto
hum effeito do licor de Kunkel ,
ou do phosphoro luzente , que
torna brilhante o que com elle
se esfrega. Para deixar mil ex-
emplos , basta lembrar-nos da
luz , que , nos altares dos idolos,
per si mesma corria de húa lam-
pada accesa para a outra apaga-
da ;

D ii

(1) Miz. de mirabil. rerum. (2) Castrod.
esemp. 9. della citata Ist. Crit. (3) Matta
part. 3. c. 11. de Canoniz. Sanctior.

da; sendo isto, que se julgava virtude diabolica, puro engano dos Sacerdotes gentios. Refere o mencionado Castredo, que Cornelio Agrippa, e Alberto o grande, nos ensinam proceder este effeito de certas hervas, que tem virtude de attrahir o fogo; e apontam huma, chamada *Apoxis*. Mostrou Eusebio na sua Preparação Evangelica (l. 4. c. 1.), que os Oraculos dos Gentios foram enganos dos Sacerdotes; confessando-o elles mesmos muitas vezes na presença dos Magistrados Romanos; e Bernardo Fontenella inteiramente o mostra na sua judiciosa *Historia dos Oraculos*.

Houve pessoas que tiveram propriedades extraordinarias, ou
para

para prejudicar com seus efflu-
vios malignos, ou para recrear
com os benignos, e dar força,
e faude. Curava o Rei Pyrrho
com o pollegar do pé direito os
esplênicos. O Imperador Vespas-
iano com a sua saliva, e com o
contacto, farava muitas especies
de doenças. Refere outros ex-
emplos o Padre Leonardo Via-
ro, cujas palavras transcrevo (1).

Pare-

(1) *Quorundam hominum corporibus partes
innatae leguntur, quae mirabiles vires habue-
runt; nam Pyrrhus Rex in dextro pede polli-
cem habuit, cujus tactus lienosis, ut dicimus,
medebatur, quem cremari cum reliquo corpore
non potuisse tradunt. Sampsonem, ut sacrae Lit-
terae perhibent, in capillitio mirabilem virtu-
tem continuisse credimus, qua quibuslibet adver-
sis rebus resistere poterat. In Hispania ab ocu-
laribus testibus audiui, quosdam homines fuisse,
qui Salutatores vocabantur, qui salutationibus
quoque incredibilia faciebant, etiam canum mor-
sus curantes. Hi hodie in Gallia, & Burgun-
dia*

Parece tão certa producção da Arte Magica curarem-se de longe as feridas, que até he este hum dos casos, por que póde proceder o Santo Officio (1), sendo, porém, a causa huns pós sympathicos, descritos por Guilherme Digbeo (2), Chancel-ler de Inglaterra, por Nicoláo Papi-

dia esse dicuntur. Quando enim aliquis septem filios masculos, & inter eos nullam foeminam suscepit, septimus hanc mirabilem virtutem habere creditur. Vespasianus quoque a natura donatus legitur, ut tactu, & saliva, & quandoque sine his, plurimis morborum generibus mederetur. Odorem praeterea ab Alexandro exisse legitur, qui omnes mirum in modum delectabat. Rex insuper Galliae haereditariam virtutem per manus traditam habere perhibetur, ut quoscumque strumis laborantes, atque affectos tetigerit, sanos reddere valeat. Vair. de fascin. lib. 1. cap. 11.

(1) Pistachius de superst. cap. 21. n. 5.

(2) Digbaeus de orat. pulv. sympathicae.

Papinio (1), Arrigo Mothi (2),
Christiano Fromanno (3). Faz
tambem este effeito o unguento
armentario, de que falla Francis-
co Bacon (4), e Joaõ Baptista
Porta (5). Esfregam-se huns bo-
cados de panno molhados no san-
gue do ferido com este unguen-
to, e com os pós, e por effeito
das exhalações salutiferas do re-
medio, que vão tocar as feridas,
fara o doente.

Deve ler-se o incomparavel
Roberto Boile (6), que fez re-
petidas experiencias para mostrar
a força dos effluvios subtís da
gomma

- (1) Papinius in dissert. de pulv. sympat.
(2) Moth. de pulv. sympat. (3) Fro-
mann. de fascin. (4) Bacon in Sylv. sylva-
rum. (5) Porta l. 8. cap. 2. Magiae natur.
(6) Boile de tentamin. Phyiol. de experim.
quae non succedunt.

gomma de alquitira , do vitriolo , e outras drogas. Refere este Author , que lançando-se os pannos , isto he , os bocados do panno , como acima , em o gelo , ou chegando-os ao calor , fente o doente , segundo aonde os lançáram , frio , ou calor nas feridas.

Defta maneira , e por esta causa , estando dous instrumentos musicos de igual grandeza em huma casa , se se toca a corda de hum semelhante á do outro , por si mesmo se move no contrario a corda unisona. Postas tambem duas agulhas de marear em mediocre distancia , se se mover em huma agulha tocada na pedra iman , per si se move a outra no mesmo tempo : já servio

vio isto para os que se não podiam communicar de perto, communicarem por este meio as idéas mutuas (1). Antonio Mizaldo (2) nos diz, que a vara de aveleira tem propriedade para descobrir na terra os metaes, inclinando-se toda por sympathia, quando com elles se encontra. Esta he a famosa, e célebre *Varinha Divinatoria* dos Magicos, taõ conhecida em França, em Inglaterra, e em outras partes; de cujo uso innocente sabiamen-

te

(1) Salmuth. ad Pancirol. de rebus memorab. recens inventis p. 2. t. 11. (2) *Tanta est virgulae ex corylo cum metallicis sympathia, quod si recta per montes, & loca in quibus sunt fodinae, & latent metalla, deferatur, illico flectatur in transitu; alibi recta stat. Haec apud Georgium Agricolum in libro de fossilibus, & metallicis. Mizaldus lib. 1. mirabilium naturae.*

te nos falla Vallemont, referindo a approvação de vinte e cinco Escretores.

Quem não sabe o poder, e os Mysterios da Natureza, tudo lhe parece superstição. No conceito destes são Magicos os Charlatães, e os Impostores; são Magicos os Mathematicos, e os Filósofos, e todos os q̃ sabem as occultas maravilhas, que a Botanica, ou a Chimica ensina. São para estes superstições os amuletos, fantasmas os halitos dos cadaveres, obras diabolicas as plantas salutiferas, milagres as imposturas dos Sacerdotes Gentios, e Magias todas as producções desconhecidas, ou sejam da Arte, ou da Natureza. A Arte Magica, como tenho demonstrado, teve o seu nasci-

nascimento na opinião da gente imperita; criou-se, e cresceu no feio da ignorancia dos povos, nos seculos incultos, e entre as mais barbaras Nações: já mais a estimáram os Sabios, que conheceo a Antiguidade, e só por ignorancia crassa tem hoje lugar nas mais ordinarias producções da Natureza.

Mostrada claramente a primeira, vasta origem da Magia, passo á segunda, que comprehende a Fantasia enferma. Desfinio Jamblico não ser a Magia sennão huma perturbação do cerebro, e engano da fantasia: *Ea, quæ fascinati imaginamur* (estas são as suas palavras) *praeter imaginamenta nullam habent actionis, & essentiae veritatem.* He na verdade

dade grande , e extraordinario o poder da nossa imaginação , e são tão numerosos os seus estupendos effeitos , que por muito que delles se tenha escrito , ainda não temos completa historia do seu poder. Ella he a origem de todas as extravagancias dos mortaes , que são innumeraveis , e infinitas , e soffre mais ordinariamente perturbação , e desordem na idade tenra , quando

La rustica nutrice
Nell' ore brune al focolar tien
fermi
I pargoletti ad ascoltar sue fole
Inspiranti stupor. Magiche note,
Maligni spirti , grida al letto
intese
Anzi 'l morir da chi vedove op-
preffe , *E l'*

de Cecilia Faragó. 61

E l' orfano frodò de' suoi diritti.

*Narra d' irrequiete anime uscite
Dall' orror della tomba, onde
a' suoi falli*

*Nascosti in vita alleviare il peso.
Narra di spettri, e di fantasmi erranti*

*Di buja notte pe' l silenzio tetro,
Narra lo scroscio delle lor catene,*

*E come fan degli omicidi al letto
Ondeggiar spesso la Tartarea
face.*

*Quelli sovente arretransi, e l'
un l' altro*

Guatansi muti, e traggono sospiri,

*Che il ribrezzo interrompe, e
la paura (1)* As

(1) Ill. Dott. Akenfide nei Piaceri dell' Immaginazione.

As Historias de todos os seculos ministram de suas grandes forças innumeraveis exemplos. Querendo fazer memoria de alguns, transcreverei o que hum elegante Author (1) nos conta de Marco Bruto. » Era este varão não leviano, ou visionario; mas de muito juizo, guerreiro, e letrado: achando-se, porém, em Macedonia pensativo, e opprimido com o peso de huma aspera, e sangui-nosa guerra contra Octavio, e Octaviano, a quem era inferior em forças; e revolvendo em huma noite em seu affligido pensamento o duvidoso exito da batalha, e os funes-
» fto

(1) Girolam. Tartar. lib. 2. cap. 3. del Congr. Nott.

» ftoſ effeitos , que lhe feriam
» taõ nocivos , e á meſma Pa-
» tria , ſe lhe figurou ver hum
» deſmedido , e horriſſimo Spe-
» ctro , o qual ſendo pergunta-
» do quem era , e a que vinha ,
» lhe reſpondêra , que era o ſeu
» Genio infeliz , e que nos cam-
» pos Filippicos o tornaria a
» ver. Deſta maneira lhe pre-
» diſſe a rota , que experimen-
» tou pouco depois , e o gol-
» pe crú , com que elle meſmo
» ſe matou. Plutarco , que re-
» fere eſte facto , diz , que ape-
» nas deſapparecêra a ſombra ,
» ſendo os ſervos de Bruto per-
» guntados , depozeram , que
» nada víram , nem ouvíram ; o
» que parece convencer , que
» Bruto ſonhava ; porque , ainda
que

» que os fervos não ouvíssem as
» vozes do Spectro, teriam ou-
» vido as de Bruto, proferindo-
» as só por causa da fantasia. A
» inquietação do seu espirito,
» entre mil cuidados, e mole-
» stos pensamentos, era o mo-
» tivo, que produzia no somno
» tão tristes, e melancolicas fan-
» tasmas.

Descreve Horacio (1) hum
hypocondriaco, o qual se lhe
accendia tão viva, e fortemente
a fantasia, que se lhe represen-
tava gozar a vista de soberbos
espectaculos, e deliciosos jar-
dins; de maneira, que curado
pelos amigos com o elléboro,
depois se lastimava de que o ti-
nham privado, e afastado de
hum

(1) Horat. lib. 2. Epist. 2.

hum erro tão agradável. Torcato Tasso, Poeta grande, mas de humor melancólico, viveo eroto-maniaco por espaço de quinze annos: diariamente ao nascer da Aurora se lhe apresentava huma figura, com quem fallava, e suavissimamente discorria: muitas vezes accomettendo-o a maior força da illusão, não vendo, nem ouvindo os seus amigos senão ao mesmo Tasso, se lastimavam, e condoíam dos enganados, a q̃ infelizmente o conduziao os espiritos animaes (1).

São innumeraveis os exemplos desta classe. A imaginação he apta em todos os homens para obrar com igual estranheza, porque assim pede a razão do
E seu

(1) Giambatista Manso nella vita del Tasso.

seu mecanismo. Esta faculdade faz, que a nossa mente veja presente os objectos ausentes; he quem os augmenta, diminue, combina, e quem tudo representa corporeo, ainda que corpo não tenha. Põe-se em actual exercicio por meio do movimento undoso dos espiritos animaes, o qual o communica nas fibras do sentido commum, aonde residem as idéas como presas. Tudo quanto faz irregular este movimento, e demasiadamente elasticas, e móveis as fibras, perturba, e desordena a imaginação. Deste estado, e disposição se póde crer a abundante affluencia de sangue na substancia do cerebro, a qual suffoca em algumas fibras o movimento, e em

em outras o augmenta ; e da mesma forte obra a abundancia do foro , e da materia tenaz , introduzida nos mesmos vasos. Excitadas as idéas por internas causas , cuida , e affirma o homem que o foram , por objectos externos , que n'outro tempo lhe produziram iguaes representações. Daqui nascem as duas principaes especies de delirios , conhecidos pelos Medicos , isto he, loucos , e melancolicos : o primeiro he , quando se delira sobre todas as idéas , e o segundo sobre huma só.

São as mulheres mais visionarias do que os homens , porque tem as fibras do cerebro , e do cerebello mais elasticas , e agitaveis , e por isso mais faceis a

alterarem-se. Os bebados, e os de febre aguda, ouvem, e vem o que não existe, por causa da velocidade, que se lhes augmentou no fluido do sentido commum, e de alguns órgãos dos sentidos, aonde se fazem movimentos semelhantes aos produzidos por causas externas. Os epilepticos sentem, por particulares humores que nelles obram, fabores, a que os Medicos dão nome de adiaforos, isto he, que se não podem pôr em classe alguma dos conhecidos. Untam as Feiticeiras a cabeça, e o corpo com certo unguento de huma qualidade muito activa, de cujo composto refere Porta os simplices. O primeiro he o aconito, que he huma planta venenosa,

nosa, tanto aos homens, como aos animaes, e a quem Dioscorides chama *morte de cães, e de lobos* (1). Segue-se a cicuta, de quem diz Wepter, que he planta apta para excitar convulsões horriveis, e perda de todos os sentidos. Depois o sangue de morcego, e a argentina (2), a folda, o aipo de lagoa, o acôro, e as folhas de choupo, que por natureza são muito calidas. Esfregando-se com este unguento (3) cahem sobmergidas em lethargo as insipidas, e fatuas

(1) *Lycoctonum*, e *Cynoctonum*. He a herva, que entre nós se chama napello, ou mata lobos. (2) Os Gregos a chamam *Pentaphyllon*. (3) Ha outros unguentos da mesma força, e activade, e Sauvages affirma, (Nosolog. Meth. pag. 629.) que o oleo, que se tira das sementes da datura produz delirios a quem se unta com elle.

tuas *Lamias*; e , em quanto jazem , se lhes pintam na fantasia agitada maravilhosos vôos ; esplendidos banquetes ; indecentes , venéreas danças ; e quanto com ardor desejárã em seu acordo.

Escreveo Jeronymo Tartarotti Roveratano hum longo Discurso , no qual mostrou com juizo , que as *Lamias* dos Gregos tiveram origem em a *Lilith* dos Hebreos , de que se contavam infinitas patranhas , e que a isto correspondiam as Feiticeiras dos Latinos ; entre os quaes houve opiniaõ de que hum passaro , chamado *Strix* , voando de noite , chupava o sangue das crianças ; e daqui nasceo attribuir-se o nome , e o officio deste passaro

laro ás mulheres malvadas , e perniciosas , que por este motivo se chamáram *Striges*. Descreve depois no mesmo Tratado dos Congressos Nocturnos das Lami-as , a Historia da Feitiçeria , e faz ver que isto he a mesma nocturna sociedade de Diana , que entre os Antigos foi huma quadrilha sonhadora de fanaticas mulheres. Na verdade , todas as que se julgam desta sociedade vivem agitadas de negro humor melancolico , e são as que se sustentam de manjares , e bebidas prejudiciaes , de que se lhes gera hum humor crasso , e bilioso : vivem em ares frios , e grossos , e são ordinariamente , e quasi sempre , mulheres ; cujos temperamentos delicados com
muita

muita facilidade recebem; e se enchem de contos extravagantes, e fantásticos, e cedem ao effeito, que da untura lhes resulta na imaginação.

Firmemente se creio na Silesia, e Moravia, que dos sepulcros se levantavam os defuntos, que faziam mal aos homens, que chupavam o sangue das crianças, e que appareciam ás mulheres, e aos parentes, com aspectos da morte. Houve queixas aos Magistrados, e nellas se lamentavam das enormes maldades que commettiam. Quem o creia! Desapparecêram os Vampiros, (assim appellidavam a estes mortos) e mais delles se não fallou, depois que os Magistrados, sabendo, que a culpa

pa

pa destes funebres successos era a fantasia estragada, mandáram desenterrar os accusados Vampiros, decapitallos, e lançallos no fogo. Eram os Vampiros mera producção do temor, e da melancolia, e não podiam extinguir-se senão com filosofico reparo (1).

Deo-se nos tempos mais afastados tal credito aos espiritos succubos, e incubos, que até se cria que eram por elles forçadas, e prenhes as mulheres. Desta maneira tiveram occasião não poucas donzellas de escusarem, e encobrirem os indecentes desvarios da mocidade. Hoje se sabe não ser o incubo senão huma enfermidade, que accommet-

(1) Tartar. Congr. Nott. lib. 1. cap. 16.

commette os que dormem de coſtas. No tempo do ſomno circula (1) o ſangue com mais vagar, e pela ſituação horifontal ſe ajunta nas entranhas, aonde eſtá a origem dos nervos: comprimidos eſtes ſe diminue aquelle fluido, que he em nós o author, e a cauſa do ſentimento, e movimento; e daqui procede continuar a máquina as ſuas acções com frouxidão. A reſpiração, que he huma acção, eſtando debilitada faz que ſe evacue o ſangue dos boſes no coração em pouca quantidade (2). Além diſto

(1) Porque o movimento de cada fluido vai pelo canal, ſegundo as razões das potencias, que os produzem, os quaes na vigia ſão dous, a acção do coração, e a dos muſculos; e no ſomno, pela relaxação deſtes, ſó a do coração. (2) O ſangue na inſpiração,

dito na situação de costas se apoiam as entranhas vitaes sobre os vasos fanguineos, e até impedem que o sangue saia com liberdade dos bofes para o coração. Nas pessoas de substancia facil, e frouxa, e de vasos brandos, retido assim em abundante quantidade, lhes causa aquelle sentimento de pezo grave, que então soffrem, e padecem; e movendo-se-lhes com desigualdade as fibras do cerebro pela oppressão, lhes nascem juntamente com idéa dos incubos os sonhos tristes, e hediondos, e as visões horriveis.

Poderia mostrar, que muitas vezes

ção, por causa do ar, sahe dos bofes, e entra pela veia pulmonar no ventriculo esquerdo do coração.

vezes são julgadas possêssas as mulheres accommettidas de affectos hystericos, os quaes lhes dão forças maravilhosas; e poderia dizer tambem quanto se excitam estes nas mulheres havendo trato familiar, e quão horriveis se façam pelo cheiro do almiscar. Poderia em fim mostrar largamente, tendo por guia a Sal Veneziano (1) e a outros Escritores illustres, que muitas vezes o fallar varias linguas, que se attribue aos energumenos, nasce de enfermidade; mas eu me alongaria demasiadamente da materia que trato sobre o poder da nossa imaginação. Basta para complemento saber-se, que

(1) Sal e Rhodes em a Dissertação que traz o Padre Bruno tom. 4.

que da fantasia se origináram as metamorphoses , e as outras agradaveis fabulas de homens , animaes , e plantas , que os Poetas inventáram ; e não devo omittir a Circe de Homero , que foi o exemplar da Magica de Theocrito , da célebre Alcina de Ariosto , da Armida de Tasso , e de outras mais. Da fantasia procedem as tristes fantasmas , que se apresentam aos enfermos , as horriveis visões dos freneticos , e dos moribundos , e tudo quanto falsamente ouvem , e sentem os dominados da atra-bílis , e negro humor. Da imaginação provém as loucuras dos Lemures , ou Duendes , que de noite (segundo fabúlam) fazem estrondos por entre os forros das casas :

fas: della as tristes aparições, que mettem medo aos meninos (1), os enthusiasmos, as allucinações, e os horrores. Claramente, pois, está mostrado, que a causa das Feiticeiras, dos Magicos, das visões diabolicas, e de toda a magica loucura, foi sempre a ignorancia dos povos, e a imaginação perturbada.

Assim devia ser; fenaõ digam-me: Que cousa he a Arte Magica? He huma Profissão criminosa, que ensina as regras do commercio com os demonios, e que por isso dá poder de obrar prodigios em damno do genero humano. Póde dar-se tal Profissão?

Podem

(1) Dizia S. Jeronymo (Praef. in quæst. Hæbr.) *Floccipendo imagines, umbrasque larvarum, quarum natura esse dicitur terrere parvulos, & in angulis garrire tenebrosi.*

Podem os espiritos malignos ter commercio com os homens, e depender isto do seu querer?

Da qual forza fatal, che gli corregge,

O da qual patto son legati, e stretti?

E' necessaria, o voluntaria legge,

Che sí gli rende altrui servi soggetti?

E' talento, o timor quel che gli move

Tant' opre a far prodigiose, e nove?

Podem desfazer, e vencer a lei da Natureza estes espiritos mandados pelos Feiticeiros, e Ario-los, opondo-se a quanto dispõe no Mundo a Providencia com leis eternas? Tristes de nós se verda-

verdadeiro fosse este seu poder!
Como se livraria de genios tão
perversos a misera humanidade?
Quem poria freio á péssima in-
dole de tantos malvados , que
quereriam ainda com perda sua
professar a Arte de Satanás , só
para perder , e extinguir os vi-
ventes ? Haverá quem responda ,
que podem tudo , com permis-
saõ de Deos. Que tem a per-
missaõ de Deos com a Arte Ma-
gica ? Quem ignora , que póde
a sua Omnipotencia obrar ma-
ravilhas , até por meio de instru-
mentos tão fracos , e ineptos ,
como os demonios ? Porém que-
rem que se dê huma Arte , que
por meio de circulos , e linhas ,
ensine a transportar os corpos
pelos ares , a fazer amaveis os
ani-

animaes feroces , a escurecer o Sol , e as Estrellas , e a tornar as gentes miseraveis , buscando-lhes a tristeza do espirito , e da vida , e dando-lhes até a morte , da maneira mais barbara , que agradar aos Professores. Póde dar-se huma Arte assim ? Quem não vê que sería dar ao demonio aquelles attributos , que só pertencem ao grande Deos de Jacob ? Como se poderiam distinguir os milagres , que o Omnipotente obra , se o inferno fosse capaz de fazer outros semelhantes , segundo a vontade dos laureados nesta Arte ? Além disto sería indecoroso á bondade do Senhor , o cremos que elle permitta a huma vil Bruxa tirar com circulos , e blasfemias , os

F

bens ,

bens, a faude, e a vida. A pura doutrina, que recebemos da santa Religião, que professamos, nos ministra idéas mais sublimes do primeiro Ser Eterno.

Deve notar-se, que havendo estado presos tantos Magicos, hum só atégora não houve, que com os seus encantos se soltasse, e desprendesse das cadeias, ou arrombasse as paredes, que o encarceravam. Sei muito bem, que para illudirem a força deste argumento, excogitáram futeis, e falsas razões, entre as quaes he esta a principal: Que não convém á Divina Justiça o permittir, que os públicos Magistrados sejam illusos, e escarnecidos, pelas forças da Arte Magica. Mas como são nescios!

Julgam

Julgam ser mais decente ao Altissimo defender a honra dos Magistrados, do que a faude, e vida dos mortaes, cujo damno naõ houve difficuldade em se crer permittido aos Feiticeiros.

Estes, que professam o ser Adivinhos, e Feiticeiros, e que por consequencia devem ter poder de desenterrar os escondidos thesouros, dar faude aos enfermos, abater os venturosos, e obrar milagres, saõ homens plebêos, que vivem na maior miseria; e justamente assim he, porque saõ as vãs ostentações de seus prodigios disparates, e pataratas. Se fosse verdade o que os Feiticeiros exaggeram, quem se atreveria a accusallos, ou fazer-lhes a menor injuria, sem esperar espanto-

fos effeitos do seu furor? Quem não offereceria metade de seus bens ao que lhe podia usurpar toda a sua fazenda?

Mas eu inutil , e escusadamente me detenho buscando argumentos , com que desfaça a existencia da Arte Magica , quando ella não he senão mentira , e sonho. Digam-me os que a defendem aonde existe? Quem a ensina? Como se aprende? Que livro a trata? Quaes são as regras? Aonde moram os que a sabem? Em que lugar se admiram os seus prodigios? Que Cidade livre da Europa consente que se imprima Obra , aonde se vejam as regras desta Arte? Houve nos tempos gentilicos Reis malvados , que naturalmente curiosos

riosos desejavam saber se havia Lamias, ou Feiticeiras, que fizessem encantos : tinham ouro, tinham authoridade, e commodidade para o apurarem, e conseguirem ; mas hum só se não aponta, a quem constasse com provas claras de alguma obra de Feiticeria. Neraõ, como refere o célebre Plinio, foi cheio de desejos de conhecer pela experiencia se havia Arte Magica ; e sem consideração a gastos, a fadigas, e actos de impiedade para alcançar o seu fim, chamou quantos Magicos contava o vasto Mundo, de que era Senhor, e empregou os mais astutos do seu Imperio, sacrificando até homens : foi, em fim, instruido pelo Rei Tyridates nestes falsos myste-

myfterios ; mas não podendo a-
quelle poderoso Soberano , de-
pois de tantos cuidados , e fuo-
res , descobrir mais do que pala-
vras insignificantes , e enganado-
ras , se persuadio finalmente , que
era pura demencia a Arte Ma-
gica.

Se eu quizesse usar , e valer-
me de quanto ensinam os Cano-
nes , miudamente mostraria , que
pelo terceiro Concilio de Tours,
celebrado no anno de 813 , em
tempo de Carlos Magno , se de-
claráram inuteis os encantos (1).

No

(1) He o Canon 42 : e no Corpo do Di-
feito Canonico se lê deste theor ; *Admoneant*
Sacerdotes fideles populos , ut noverint Magi-
cas Artes incantationesque quibuslibet infirmita-
tibus hominum nihil posse remedii conferre , non
animalibus , languentibus , claudicantibusque ,
vel etiam moribundis quidquam mederi , non
liga-

No famoso Canon *Episcopi*, referido por Burchard, e por Yvo, se chama ás Feiticeiras, e ás nocturnas Chorêas, erros, e falsas opiniões (1). Em o Canon *Non observetis* solememente se decide ser impiedade dar credito ás mentiras dos Magicos (2). Impõe dez annos de penitencia o Concilio Trullano, celebrado no setimo seculo, aos que crem na Magia (3); e póde mostrar-se

ligaturas ossium, vel herbarum cuiquam mortalium adhibitas prodesse.

(1) Innumera multitudo hac falsa opinione decepta, haec vera esse credunt, & credendo a recta fide deviant, & errore Paganorum involvuntur, quum aliquid Divinitatis, aut Numinis extra unum Deum arbitrantur. Conf. 26. quæst. 5. cap. 12. (2) Qui Magicis falsitatibus in grandinandis tempestatibus credunt... sciant se Fidem Christianam, & Baptismum praevaricare. Conf. 26. quæst. 7. cap. 16. (3) Refere este Canon Beveregio no primeiro

se com muitos lugares do antigo Penitencial Romano, que admittir, e crer na sua validade he culpa, que se deve detestar (1).

Se quizesse entrar no exame de

meiro tomo da sua Obra intitulada *Pandectae Canonum*.

(1) Eis-aqui o que do Penitencial descreve na sua Collecção Burchard, Bispo de Wormes, em o livro 91. *Credidisti, aut particeps fuisti illius credulitatis, ut aliqua foemina sit, quae per quaedam maleficia, & incantationes mentes hominum permutare possit, id est, aut de odio in amorem, aut bona hominum in fascinationibus suis aut damnare, aut subripere possit? Si credidisti, aut particeps fuisti, annum unum per legitimas ferias poeniteas. Credidisti, ut aliqua foemina sit, quae hoc facere possit, quod quaedam a diabolo doceptae se affirmant... cum daemonum turba in similitudinem mulierum transformata, quam vulgaris stultitia beldam vocat, certis noctibus equitare debere super quasdam bestias, & in eorum se consortio, adnumeratam esse? Si particeps fuisti illius credulitatis, annum unum per legitimas ferias poenitere debes.*

de quanto escrevêram os Padres , e Doutores da Igreja , claramente provaria , que todos julgáram extincta a Magia com a vinda do Salvador. Não omitto que S. Irineo , fallando de hum Magico do seu tempo , chama imposturas aos encantos , e embusteiros aos que os fazem (1). Tertulliano põe a Magia por focia da Astrologia (2); e S. Cypriano chama aos prestigios dos Magicos loucura do vulgo crédulo (3). Assim os nomea Eusebio em muitos lugares , accrescentando que os Magicos são velhacos (4). S. João Chrysoftomo detestou os incu-

(1) S. Iren. lib. 1. pag. 1. (2) Tertul-
de Idol. c. 9. (3) S. Cypr. de Idol. vanit.
(4) Euseb. Praep. l. 3. c. 3. & l. 4.

incubos , e succubos ; e numeroū entre as fabulas os Spectros , e as Feiticeiras (1). S. Gregorio Nazianzeno tem os encantos por disparates , e imposturas (2). S. Clemente Alexandrino , Theophilo (3), Arnobio , S. Athanasio (4), S. Jeronymo , S. Basilio , S. Ambrosio , S. Epiphania (5), S. Joaõ Damasceno , e S. Ignacio Martyr , que viveo , e praticou com os Apostolos , foram uniformes no conceito , que fizeram sobre a impotencia da Magia. Quanto ao que se deve entender dos Magos de Pharaó , que convertêram as varas em serpentes , e da Pytho-
nissa

(1) S. Joan. Chryf. t. 4. & 11. (2) S. Greg. Naz. in Exam. tom. 6. (3) Na sua Epist. traduzida por S. Jeron. (4) S. Ath. Incarn. l. 1. (5) S. Epiph. Haer. 21.

nissa, que revocou dos infernos a alma de Samuel, e outras muitas cousas, que se acham nas Escrituras, lêa-se o Conselheiro Grimaldi (1), o Marquez Maffei (2), e o douto João Rinaldo Carli (3), os quaes indagaram, e escrevêram neste ponto com summo criterio, o que eu deixo por brevidade.

Por tanto não ha Arte Magica. São enganos as maravilhas, que se attribuem aos Feiticeiros, tendo por causa, ou a Natureza, ou a Fabula, ou a Imaginação. Devemos, pois, desprezar a crença de huma Arte embusteira, não fundada nas
fantas

(1) Grimald. na Dissert. sobre as tres Magias. (2) Maffei nel terzo lib. dell' Arte Magic. Ann. (3) Carli nella lett. al Tartar.

fantas Escrituras, convencida de falsa pela razão, opposta directamente aos Canones, e aos Padres; e contraria ao espirito da pura Religião, em que por singular ventura de quem defendo, e escrevo. Se he fabuloso o delicto, se não existe hum tal crime, como podia Cecilia Faragó (criminada de sortilegios (1) pelo Tribunal por ignorancia de termos) ser justamente processada pela culpa de dar feitiços? Que Magistrado Filosofo não convirá ser indecoroso á sua authoridade inquirir judicialmente destas patranhas do vulgo, e fazer dellas volumosos Autos? Este delicto, sendo puramente fanta-

(1) Sortilegio he a Arte de adivinhar por meio de sortes.

fantástico, e ideal, deve ser curado com o elléboro, e he das aquellas que se extinguem com o desprezo. Se os Tribunaes quizerem castigar as miseras mulheres, que estragáram o cérebro nos desvarios da Magia, adquirirá esta illusão credito nos animos das gentes, e ver-se-ha numerosa multidão de seus descordados, e nescios sequazes.

CAPITULO II.

No qual se mostra, que o Sacerdote Ferrajolo morreo por causa natural.

A Inda que possível fosse ofender, e tirar a vida por Arte Magica, Cecilia Faragó está

está innocente ; porque o Sacerdote D. Antonio Ferrajolo , que se affirma morrêra por maleficio , acabou naturalmente a vida com hum tifica , motivada pela impericia de dous Medicos assistentes. Mostrarei esta verdade pelas suas proprias deposições. Veja-se , e attente-se bem o que depozeram , e o methodo , com o qual procuráram curar o enfermo os Fyficos D. Pedro Garcea , e D. Pompeo Cundari , juntamente com outros. Depõe Garcea , que em Setembro de 1768 se sentio Ferrajolo *com hum pezo no ventriculo , inapptencia , sem beneficio da natureza , com vacillações na cabeça , e febre.* Applicou-lhe *hum brando minorativo* , ou purgante , com que alcan-

alcançou algumas melhoras; mas taes, que em poucos dias *lhe tornou o mesmo*. Desta forte julgou proceder a molestia de humor viscoso no ventriculo, e por isso ser necessario remedio, que *desfizesse, e precipitasse*, pelo que se determinou a dar-lhe por dez dias a *gomma Ammoniacca*, o *magisterio de Marte*, e os *pòs estomacaes de Quercetano*. Grandes remedios! Confessa o mesmo Garcea, que tomando taes remedios *lhe sobreveio huma tosse secca*, que o provocava a vomito depois de comer; e de sorte que muitas vezes lançára o alimento. Isto não obstante depõe que proseguíra em *lhe fazer* usar de remedios *retundentes*, ordenando o *magisterio da madre*

dre perola, olhos de caranguejo, e o cordeal confeição; e diz mais, que continuando o Padre estes remedios, entrára a sentir estímulos no isophago, e na trachea, o que não obstante lhe aconselhou continuar os sobreditos medicamentos. Procurando depois desculpar o seu methodo pernicioso, diz, com manifesta contradicção: que ainda que D. Antonio tivesse mostrado alguma melhora, a doença proseguia com diversas apparencias, e então com vomitos de huma materia viscosa. A' vista disto affentou com o parecer de Cundari, e de outros, que a molestia procedia do estomago; e ordenáram o sal tartaro vitriolado, como muito proprio, e incisivo; porém ingenuamente confes-

confessa, que destes medicamen-
 tos se não seguíra melhoria. Isto
 não obstante, diz mais, que con-
 viéra com outro Fyfico, chama-
 do D. José Dardano, que o mal
 provinha do estomago, pelo que
 lhe applicáram o especifico esto-
 macal de Pedro Poterio; mas que
 o Padre o não tomára por não
 estar em estado de digerir, e além
 disto enfastiado, fraco, e affligi-
 do com tantos remedios. Depois
 de ter reduzido o doente a esta-
 do tão lastimoso, diz o mesmo
 Garcea, que lhe fora commettida
 a elle só a cura do enfermo, isto
 he, de o lançar na sepultura,
 como logo veremos. Prosegue,
 que não cedendo o mal, se quei-
 xava o Padre de hum grande
 bypocondria, de assombramentos de
 G cabeça,

cabeça, e de não poder engolir, por ter a garganta offendida. Asfentou então (que juizo!) que o mal não só residia no estomago, mas que se tinha introduzido no sangue (1). Creio ser conveniente applicar-lhe, em tal estado, remedio mais vehemente, qual he o aço, que lhe fez continuar por quinze dias. He digna de louvor a sua ingenuidade: depõe que, depois de huma tal cura, a doença, em vez de ceder, avançava, e o doente passo a passo emmagrecia. Declara, que observando os effeitos de huma tal queixa, para elle singular, não pôde determinar (explicasse elle baptizar) a sua natureza. Sobreveio entretanto ao Padre

(1) Havia hum seculo que o estava.

drê o salivar *materia lymphatica*, e viscosa, e emmagrecer de forte; que só tinha *péle*, e *ossos*. Fizeram-se-lhe os olhos transparentes; e depois de gastar tempo em rodeios, diz Garcea, que D. Antonio Ferrajolo *dera a alma a Deos*, o que era de necessidade depois deste methodo curativo.

Profegue-se na sua deposição, dizendo, que junto com o Medico D. Nicoláo Barbiero observáram, na presença do Governador de Soveria, o cadaver do defunto, e que o viram secco, com a carne branca, e flexivel em todas as juntas do corpo; e declara, que por este phenomeno não pudéram fazer juizo sobre a morte de Ferrajolo.

(nem lhe conhecem o mal depois de morto.) Tinham primeiramente deposto, ante o referido Governador, que *da flexibilidade do corpo*, observada no defunto, se viam surprehendidos. Dando finalmente o seu parecer sobre a qualidade da morte, affirmam poder esta provir de causa natural, de maleficio, ou de causa preternatural.

Pela inteira deposição do Doutor Fyfico Garcea, e Cundari, se póde estabelecer, que se todos os accidentes, que acompanháram a doença, de que falleceo o Padre Ferrajolo (accidentes, que tão estranhos parecêram a estes Medicos) fossem vistos, e considerados, não digo eu por algum Sabio ornado dos

dos altos conhecimentos, que constituem o verdadeiro Professor de Medicina , e que Hippocrates descreve em muitos lugares ; mas por qualquer que pouco tivesse praticado nos Hospitaes , conservaria ainda o desgraçado defuncto aquella vida , que duramente lhe arrancáram dous Doutores. Entaõ lhes feria claro que a enfermidade , além de provir do estomago , era huma corrupta tifica hypocondriaca , produzida pelas causas commuas , e ordinarias , na qual se podiam esperar melhoras ; mas antes que o mal contaminasse os orgãos consideraveis , e principaes. Se estes Fysicos não quereriam incorrer nas penas , que comsigo traz a ignorancia , deviam deixar

xar de nos dizer em suas depo-
sições, que o Padre estava *hypo-*
condriaco, *cheio de tosse*, em ex-
tremo magro, e *secco*, com dores
nas fauces, e *aspera arteria*, e
finalmente *febricicante*. Era do
seu dever não ignorarem, que a
hypocondria no homem, assim
como o mal hysterico nas mu-
lheres, he huma affecção nervi-
na, que tem por assento a reli-
giaõ inferior do ventre, pelo
que os homens, que a padecem
são em extremo sensiveis, e ir-
ritaveis; e deviam saber, que se
o Medico astuto brandamente re-
gula esta molestia familiar, quasi
nunca he de funestas consequen-
cias.

Não era huma prova da hy-
pocondria exaltada a difficulda-
de

de na evacuação das fezes intestinaes? Quem não vê que pela espasmodica contracção se diminuiam os intestinos no seu diametro, e que embarçado o movimento peristaltico, não podiam fahir as fezes? Além disto fechados os orificios dos ductos excretorios glandulosos, com a mesma contracção se constituíam as fezes aridas mais ineptas ao movimento.

Desordenado com tantas indigestões o mecanismo das entranhas, que fazem, e servem ao cozimento, era natural accumularem-se as materias acres, e viciosas, e provocarem vomito. Offendidas, pois, as entranhas chylificavam hum sangue impuro, e pouco apto á nutrição, e
daqui

daqui procedia a magreza , e corrupção.

Quem sabe da composição dos vasos , e da circulação dos liquidos , percebe claramente o damno dos bofes , que estes Fyficos nos relatam ; porque o chylo não sendo delgado , e correcto , e devendo , antes de ir ás demais entranhas , entrar nos bofes para receber aquelles dotes , que fazem o sangue homoganeo , e proprio á nutrição , necessariamente havia de excitar na tenra pulmonar substancia , unindo-se com ella , os mesmos estímulos que moveo no estomago. Eis-aqui , pois , o vomito da tosse *com calor , e ardores* , pela comunicação da trachea com os bofes ; e eis-aqui tambem a febre habi-

Habitual, e o demais. Não encontro entre os symptomas indicados hum só que não possa proceder da constituição hypochondriaca do Padre Ferrajolo.

Declaram mais os Medicos, que não sabendo como deviam baptizar esta enfermidade, applicaram ao Padre muitas, e diversas bebidas, mas que sempre fora empeorando com este curativo. Que esperança podia haver de huma cura, que tinha por base a ignorancia da causa, da natureza, e da situação do mal? Esperavam vantagem dos incisivos amargosos, da gomma, e do magisterio de Marte, applicados a humas fibras tefas, e aridas, com os quaes remedios se contrahiam, e encurvavam?

Não

Naõ podiam os incisivos resolver, e mover os humores, sem irritar as partes que os continham. Pessima he a Medicina que augmenta a causa da enfermidade.

Se eu naõ temesse ser arguido querendo fallar como Professor de huma faculdade, que posto a estudem os que seguem a Advocacia criminal, naõ he com tudo propriamente minha em todas as suas partes, mostraria áquelles Fysicos, que methodo deviam seguir, segundo as leis da Arte; e que a fibra tesa devia ser abrandada, e a materia viscosa attenuada só com diluentes, mas naõ com força, e constrangimento. Mas se deixo em silencio este ponto, devo quei-

queixra-me da portentosa ignorancia de dous Medicos, que chamados para observar o cadaver do Padre, que morreo tifico, como bem claro está, vendo-o flexivel em todas as juntas do corpo (1), se enchêram de espanto com este phenomeno, e o julgáram sobrenatural. Que loucura he esta ? Os cadaveres dos tificos tem os olhos vivos, o sangue não endurecido, e as juntas flexiveis fóra do uso (2). Eu que mediocrementemente me instrui nas leis da Medicina, vi, e observei no Hospital dos Incur-

(1) Os Fysicos são tão ignorantes até dos vocabulos da Arte, que em vez de dizerem *flexivel em todas as juntas do corpo*, dizem *flexivel em todas as partes do corpo*. (2) Lê-se sobre isto Morgani de caus. & sedib. morb. per anat. indagatis.

curáveis, mais de doze com os referidos phenomenos ; e ahi mesmo ouvi de hum grande Professor, que assim ficam os cadáveres dos tíficos.

São tambem indignos de perdão por não abrirem o corpo, e observarem em que parte estava o mal que não conhecêram. Nem se póde dissimular a grosseira ignorancia até da Osteologia, depondo na presença do Governador, que hum osso de cordeirinho, que se achára em casa da viuva, destinado para botões, era de algum menino ; e de forte os enganava a sua impericia, que o determinavam pelo que chamam *radio* (1). Ainda que fossem adestrados por algum sabio,

bio, seriam desmentidos na presença do Ouvidor de Elia, só com dizer-lhe, que não conhecêram se aquelle osso era de homem, ou de animal (1) Em tudo mostram grande ignorancia, e que delles se falla no livro da Sabedoria, cap. xii. (2).

Para accusar os dous Fysicos, réos na morte de Ferrajolo, basta o que elles mesmos depozeram de não terem conhecido a doença do enfermo, sem embargo do que, enchêram o miseravel Padre de potagens fortes, *retundentes*, e em grande copia. Devem ser castigados com a pena prescripta pela Lei Aquilia,

(1) Nos Autos folh. 110. (2) *Exborruisti eos, Domine, quoniam odibilia tibi faciebant per medicamina.*

lia, na qual, entre outras culpas, está expressa a da ignorancia do Medico, com estas palavras: *Imperitia quoque culpae adnumeratur, veluti si Medicus ideo servum tuum occiderit, quia male eum secuerit, aut perperam ei medicamentum dederit* (1). Aquelle *perperam* vale *imperite, temere, inconsiderate*, conforme a intelligencia de Arnolfo Vinnio. A ignorancia per si não he culpa, mas he, e grande, quando se dá no que exercita Faculdade que requer sciencia (2). Dizia Cassiodoro, que offender a faude do homem era culpa
 igual

(1) Inst. de leg. Aquil. §. 1.

(2) L. 9. §. pen. l. item queritur. 13. §. si gemina §. locat. l. §. servum 27. §. si calicem 29. ff. de t.

igual ao homicidio (1). Plinio chamou delicto capital á ignorancia dos Medicos (2). Do referido creio eu, (e sem exagerrar) que devem ser castigados os dous Doutores, porque com a ignorancia matáram o Padre Ferrajolo.

Como o Padre, que acabou tifico, morreo ás mãos dos Medicos, não devem ter credito as deposições destes, por serem sem criterio, e porque buscáram encobrir com a figura de maleficio os seus erros reprehensiveis, e grosseiros. Mostrarei demais, que pelas suas mesmas deposições se prova, que o Padre não morreo enfeitado.

Depõe

(1) Cassiod. lib. 6. variar. inform. Comit. Archiatr. (2) Plin. lib. 29.

Depõe os dous Fyficos, que, segundo o seu juizo, a doença do Padre Ferrajolo podia provir de causa natural, ou de maleficio. Digam-me os Conegos a qual das duas causas querem nesta dubiedade attribuir a morte do Padre. Antes que me respondam, attendam por hum pouco ao grande Pontifice Benedicto XIV, cuja authoridade me desvanece de que os ha de emudecer.

Ensinou aquelle grande Homem, que se deviam attribuir á natureza, e não á força sobrenatural, os effeitos, que podem resultar de huma, e outra causa. Eis-aqui as suas palavras: *Pro regula jam statutum sit non esse miraculo adscribendum quidquid per*

per naturæ vires potuit obtineri.

(1) Esta segura regra he filha de elevada Filosofia, regra que diariamente se ensina por todos os Professores de Metaphysica. Se isto não basta para justificar a morte natural do defunto Sacerdote, devem render-se inteiramente os Conegos, advertindo que D. Ignacio Larussa, que foi chamado dias antes da morte, e lhe reccitou muito, observando os symptomas do mal, assevera, que *naturalmente procedêra*, e com dores, que acompanham semelhantes doenças; e diz, que não julgava poder-se attribuir a morte a outra causa, que não fosse a natural, e

H

ordi-

(1) Bened. XIV. de Servorum Dei Beatific. lib. 4. part. 1. cap. ult. §. 24.

ordinaria , que costuma acontecer ao commum dos homens , sorprendidos de tal enfermidade. O igual parecer de dous Fyficos se destroe com o deste Medico , pelo qual se prova que das duas causas natural , e de maleficio , sobre cuja escolha se não souberam os outros determinar , he só a natural a que matou o desgraçado Sacerdote.

C A P I T U L O III.

No qual se mostra qual seja o espirito das Leis , que punem os Magicos , e quam calumnioso todo o Processo.

SOam nos meus ouvidos os discursos dos estimulados Conegos , oppondo-me o Rescripto
to

to de Adriano , que diz: *In maleficiis voluntas spectatur , non exitus* (1). Seja vã , dirão elles , e inefficaz a Magia , porque he huma Arte sonhada , incapaz de obrar maravilhas em damno dos homens: tenha sido muito embora a morte de Ferrajolo natural , e procedida de tísica : castiguem-se os Medicos , que por ignorancia o mataram: he com tudo Cecilia Faragó ré convencida na informação Fiscal , (crem os imprudentes não haver dúvida nisto) por ter procurado os pós para enfeitiçar , praticado na Igreja gestos , e tregeitos magicos , e ameaçado muitas vezes o bom Padre com maleficios , tentando dar-lhos por todos os

H ii

cami-

(1) Dig. ad Leg. cor. de sicar. 14.

caminhos. Não faltou a Cecilia vontade de matar Ferrajolo, e quantos Sacerdotes se achavam em Soveria, e se não conseguiu o seu máo fim, foi por impotencia da Arte Magica, e não por lhe faltar o desejo que teve, e conservou. Se faltou o effeito, deve ser castigado o pessimo animo, e clara he a Lei que o prescreve.

A pouca pratica que os Conegos tem das Leis Romanas, he quem os moveo a tomar por escudo o Rescripto de Adriano, muito mal entendido. He preciso saberem que o termo *maleficio*, tanto noCodigo, como no Digesto, equivale a *delicto*. Assim se encontra, por exemplo, no titulo das Obrigações, e

Acções

Accções (1), *ex maleficio obligari*, & *quasi ex maleficio teneri*, em lugar de *ex delicto*, & *quasi ex delicto*; e no livro dos Juizos, *si res ex contractu veniat, non ex maleficio*, isto he, *non ex delicto*. Achar-se-ha em qualquer Jurisconsulto, que se lêa, que este termo se toma nesta accepção. Transcreverei a definição, que traz Hugo Donello em os *Commentarios* (2), o qual com clareza examina o seu valor, mostrando-

(1) Lib. 5. §. 1. 2. 4. 5. & ult. Dig. de O. & A. (2) *Maleficio est delictum, & peccatum: quae appellationes hoc differunt a crimine, quod species a genere. Delictum enim & peccatum genus, turpe admissum omne, quo alteri male fit, unde maleficii nomen...* E pouco depois; *Maleficio est species delicti, quae peccatur adversus alios; neque id quovis modo, sed quae fit aliis male, ut compositio, & origo verbi satis indicat, id est, quae nocemus*

mostrando com as Leis, que o
 animo só não póde constituir ma-
 leficio. O Rescripto de Adriano,
 que está no titulo *ad Legem corn.
 de sicariis*, no qual se falla de
 tudo, excepto de maleficios,
 quer geralmente advertir, que
 o facto desacompanhado de ma-
 ligno

¶ *et detrahimus alteri.* E no mesmo lugar; *Est
 autem, ut ante dixi, maleficiū factum omne,
 quo nocetur, detrahiturque quid alteri, ut enim
 benefacere dicimur; quum facto nostro alii pos-
 sumus, ita malefacere, quum facto nostro alii
 nocemus.* Qua ex definitione illud etiam intel-
 ligimus, ¶ *si quod factum nostram instructum
 sit ad nocendum alii, nisi tamen eo evaserit,*
*ut noceret nullam ex eo, tamquam ex delicto
 adversus non esse actionem.* Finge constituiſſe
 aliquem mihi injuriam facere, neque constituiſſe
 tantum in hac cogitatione, sed consilium ad rem
 conferentem adhibuiſſe qui mihi conviciū face-
 ret; si id factum non sit, placet, eum quidem,
 qui sumſit, mihi teneri. l. item apud §. 6. cu-
 ravit, ff. de injur. Et quod hic in hac specie di-
 citur, in omnibus aliis ſimilibus intelligendum
 est.

ligno pensamento se não deve reputar criminoso , e por consequencia não he maleficio , e delicto. Desta mesma maneira escreve o Jurisconsulto Paulo , no quinto livro das Sentenças , que nos réos *consilium uniuscujusque , non factum puniendum est* , isto he, o facto nú , e sem perverso animo , não merece pena alguma ; mas não diz que deva castigar-se o pensamento per si só , quando lhe falta a execuçaõ , porque isso seria destruir a regra de Direito , que anda na boca de todos : *cogitationis pœnam neminem pati* (1).

Maleficio quer dizer delicto. Houve nos tempos de Constantino Magno taõ grande opiniaõ de

(1) Lib. 18. ff. de pœnis.

de Magia, e tão grande numero de infantatos, correndo huns atraz dos outros a obrar impiedades, que o povo tomou este termo *maleficio*, para significar (*Katécsochen* se explica o Grego) aquella culpa tão ordinaria, e commua. Os Padres seguíram os vestigios da linguagem popular, e concordemente usáram daquelle termo para significarem todos os erros dos Magicos, como he indubitavel a quem lê a Historia Ecclesiastica.

Estou prevendo que o douto Advogado dos Senhores Conegos me argumentará desta maneira: Vós dizeis que não punem as Leis o pensamento só, nem neste, nem em outro qualquer delicto; e sustentais que a
Magia

Magia não seja habil a produzir effeito algum: ninguem põe em queftão fe ha Leis, que castiguem os réos da Magia, porque se lem em letras maiusculas no Codigo, titulo de *Maleficiis, & Mathematicis, & caeteris similibus*. Para que são então estas Leis? Não são para castigar os effeitos da Magica? Porque dizeis que se não dá? Não são para punir os perversos pensamentos dos que inutilmente a querem pôr em obra? Porque affirmais não ter pena per si só o pensamento? Dizeime: Não he isto, pois, illudir as Leis? Assim interpretadas como poderáo ter a sua devida execucao?

Poderia responder a taes objecções,

jecções , que impondo-se na-
quelle titulo doCodigo , penas,
entre outros delinquentes , contra
os Mathematicos (1), se mo-
stra haver nelle Leis dos secu-
los escuros , e ignorantes , ás
quaes se não deve observancia
nestes illuminados. Se eu me
contentasse só com esta razão , e
costume , me accusariam os in-
struidos nas Antiguidades Ro-
manas , de ignorancia , e ocio-
sidade , omittindo examinar que
delictos commettiam os Magi-
cos , que com tanta severidade
se castigavam , e que relação , e
semelhança tinham com os ma-
leficios , de que foi accusada a
nossa

(1) *Artem Geometriae discere , atque ex-
ercere publice interest. Ars autem Mathemati-
ca damnabilis est , & interdicta omnino. Leg.*
2. cap. de Malef. & Mathem.

nossa cliente. He de advertir que os que professavam a Magia , nos seculos do Paganismo , tinham por instituto desenterrar os cadaveres nos maiores horrores da noite , e fazer delles usos nocivos ; e o que ainda he mais detestavel , costumavam tirar as entranhas a hum menino vivo , e lhe separavam o coração , o figado , e o baço , tendo-o antes maltratado impiamente , por muita parte da noite , com varios , e crueis modos. Lemos em Lampridio , que o inhumano Helio-gabalo , o qual perdia o somno atraz das loucuras dos Magicos , se deleitava muitas vezes em ver , e observar as entranhas dos meninos , *exta puerilia*. Tambem lemos em huma Epistola de S. Diony-

Dionyſio ; Biſpo de Alexandria (1), que o Imperador Valeriano fora aconselhado dos Magicos, que para concluir alguns estultos designios sacrificasse com encantos meninos recém-nascidos. Será de honra immortal a este meu discurso transcrever o que das impiedades dos Magicos ajuntou o grande Marquez Maffei, na sua *Arte Magica Annihilada* (2). Diz assim : » Eram » os Professores da Magia gente vil, e malvada, e que não » buscavam, e tentavam sómente grandes enormidades, mas » as commettiam. Matavam com » diversos, e inauditos modos, » procu-

(1) Refere Eusebio esta Epistola na sua Historia. (2) Maffei nell' Art. Mag. Ann. l. 1. cap. 5.

» procurando á força de horri-
» bilidades, que fossem accredi-
» tadas as suas mentiras. Te-
» mos em Horacio huma descrip-
» ção particularizada, com a
» qual se põe á vista huma das
» maneiras, e fórmãs pratica-
» das (1). Trazem as Feiticei-
» ras, ou Magicas, como outros
» lhe chamam, hum innocente
» menino preso, rompem-lhe a
» pretexta, e a insignia de no-
» bre, para delle fazerem sa-
» crificio aos infernos. Juntam
» muitas cousas estranhas, en-
» tre as quaes são as penas do
» nocturno passaro, chamado
» *Strix*. Huma dellas abre a co-
» va, na qual mettem este infe-
» liz menino, estendido de for-
te,

» te que o anterior da cabeça,
» e corpo lhe fique de fóra.
» Enfraquecem-no , e debili-
» tam-no por longo tempo , che-
» gando-lhe perto da boca va-
» rias sortes de manjares ; e
» quando eſtá já eſpirando o a-
» brem , e lhe tiram o figado ,
» e as demais entranhas. Servia
» tudo iſto para compor huma
» medicina amatoria , em ordem
» a que Canidia tornaffe a ſer
» buſcada do ſeu galan , que a
» deixára. Advirtamos , que Ho-
» racio falla neſta occaſião dos
» Napolitanos , deſcrevendo-os ,
» ſegundo ſão hoje , crédulos
» nos enganós da Magia , e de
» caracter ocioſos.

Et otioſa credidit Neapolis

Et omne vicinum oppidum.

Pro-

Profsegue o louvado Maffei.
» Temos no conciso Diaõ, que
» Didio Juliano *matára mui-*
» *tas crianças* para fazer en-
» cantos; e que Avito *juntava*
» *por Arte Magica* meninos; para
» delles fazer *crueis sacrificios*.
» Lemos em Eusebio (1), que
» Maxencio coroára as suas mal-
» dades com a Magia, *ora a-*
» *brindo as mulheres peçadas, ora*
» *examinando entranhas de crian-*
» *ças, e obrando outros feitos*
» *nefandos*, para invocar os de-
» monios. Sparciano escreve,
» que tivera Juliano *hæc amen-*
» *tia, ut per Magos pleraque fa-*
» *ceret*. Que fosse este o seu in-
» tento se vê na Tripartita de
» Cassiodoro, pois nella se lê,
que

(1) Euseb. lib. 7. cap. 10.

» que as suas feiticerias , depois
» da sua morte *compertae sunt.*
» Em hum Templo da Cidade
» de Carra , no qual secreta-
» mente tinha entrado , se achou
» o cadaver de huma mulher,
» pendurado pelos cabellos , cu-
» jo ventre tinha sido por elle
» aberto ; *ut Persarum victoriam*
» *in jecore ejus inspiceret.* Em
» Antiochia se acháram no seu
» Palacio muitas caixas cheias
» de cabeças humanas , & innu-
» mera in puteis demersa corpora
» mortuorum. » Este genero de
Magia he que as Leis puniam ,
e não os feitiços executados com
os versos de Babilonia. Casti-
gavam-se as enormes maldades ,
que se commettiam na pratica
daquella Arte.

Defsta

Deſta indole ſão, e eram os Magos, contra quem eſtá eſcrito no Código de Theodoſio (1). *Hos quoniam naturae peregrini ſunt feralis peſtis abſumat.* E ſe nas XII. Taboas ſe põe pena áqueſles, *qui alienas fruges excantaffint*, o que parece entender-ſe fó dos encantos de palavras, Seneca nos adverte, que no ſeu tempo ſe deſpreſava huma Lei tão irracional, e inſípida: *Rudis adhuc antiquitas credebatur*, (diz elle) & *attrahi imbres cantibus, & repelli, quorum nihil poſſe fieri tam palam eſt, ut hujus rei cauſa nullius Philoſophi ſchola intranda ſit.* Não ſem maravilha vejo cahir na erronea credulidade do poder dos encantos ao

I

enge-

(1) Cod. Theod. de Mal. l. 5.

engenhofo Antonio Mattheus (1), cego da excessiva veneração das XII Taboas. Digam-me agora: em que livro se encontram as Leis, que punem os feitiços de hoje, com os quaes suppõe os crédulos, que o Magico murmurando certos numeros, e versos, e juntando diferentes herbas, possa matar a quem quizer? Em que lugar doCodigo criminal está escrito, que se castiga nas feiticerias só o malvado pensamento?

Se em lugar dos luminosos tempos, em que vivemos, correfsem os infelices, nos quaes se tinham por oraculos as Disposições do Jesuita Flamengo Marti-

(1) Matth. de crim. com. ad lib. XLVII.
Dig. tit. 11. cap. 1.

Martinho Del-Rio ; tempos , em que se lia com gosto , quanto sonharam Nicoláo Remigio , João Nider , Nicoláo Jacquerio , e mil outros , igualmente sophistas que fanaticos , pouco esperaria a minha cliente ; mas hoje tem a miseravel accusada razões para crer que o Magistrado , que ha de rever esta causa , confirme o decretado na Audiencia , e ponha freio á maldade da accusadora , e daquelles , que maquinam a accusação , sobministrando dinheiro com mão larga : tão grande he o cuidado que os move a fomentar a tristeza , ou a ruina da viuva ! Mostrarei ao supremo Tribunal , para complemento deste terceiro capitulo , que dos mesmos

Autos se mostra evidentemente, e de maneira que se não póde duvidar, a indigna calúmnia, que teceram á minha constituinte.

Descobre-se primeiramente nesta fabula perniciosa a falta de causa (1), pois não só não he grave, e proporcionada ao delicto, de que se trata, mas nem ainda leve. Pertendem que a viuva, pelo odio concebido contra o Clero de Soveria, se determinasse a matar com feitiços

(1) A necessidade de se apurarem nos delictos as causas graves, e proporcionadas ás suas qualidades, se demonstra universalmente por todos os Criminalistas, entre os quaes são: Zuff. de Crim. Process. legitim. l. 1. q. 66. n. 1. e 2. Major. in opopr. c. 9. n. 16. 161. e 162. Sabell. in pract. uni. V. Sicarii, & Thorus in c. rer. judicat. casu 54. n. 20.

tiços a todos os Sacerdotes, e que principiasse com *sortilegio*, com o qual querem que morresse o Sacerdote Ferrajolo. Oh quão imperitos, e ineptos devem ser os Senhores Conegos, que com engenho miseravel produziram tão futeis pensamentos, e tão mal fundados! André Gari, filho da viuva, constituiu seu herdeiro fideicommissario ao Conego Biamonte, e executor do Testamento ao famoso Vecchiti; estes são os que se aproveitaram da herança para o legado de Missas; estes os que com mão roubadora usurpáram os bens da viuva, e lhes põe mil obstaculos nos tribunaes, a que recorre obrigada da necessidade: e he crível que a viuva
fe

se encolerize, e encha de odio contra Ferrajolo, e lhe machine a morte, só por ser hum Sacerdote de Soveria? Contra os dous Conegos, que lhe tiraram a sua fazenda, e com tanta injustiça, não se move, nem se determina a compor pós de maleficio; e vem a fazello contra aquelle, que nunca a ameaçára, nem apparecêra em Juizo, e que era talvez de todos os Padres o que menos a podia prejudicar? Até carece esta mulher das luzes, e sentimentos, que a Natureza vulgarmente reparte; pois quer matar a todos os Padres do seu paiz com maleficio, e trabalha hum anno inteiro contra o que menos lhe devia excitar a colera, e furor.

Que

Que tempo lhe não era preciso esperar para effectuar huma tão grande mortandade? Póde alguem imaginar que o deixar seu filho hum legado de Missas para o commum dos Sacerdotes de Soveria, possa ser causa grave, e proporcionada para se enfurecer tão dura, e cruelmente contra Ferrajolo, vivendo tranquilla, e branda, sem se servir de maleficio contra os dous Conegos seus inimigos, e que a reduziram a morrer de amargura, e colera? Póde dar-se, ou fingir-se mulher mais nescia do que esta, como na insipida, e inverisimil fabula se representa pelos dous temerarios impostores? São pilulas estas de tanta grandeza, que não haverá gorgomi-

gomilo , por onde passem.

Vamos ás outras inverfímeis circumftancias , que acompanham a calúmnia. Morreo André Gari em 1766 , e desde então começa a viuva a ameaçar com malefícios , porque lhe atormentava o coração ver os feus bens nas mãos alheas. Passa todo o anno seguinte , e a viuva não só não executa as ameaças , mas nem ainda profere aquellas vozes , que primeiramente lhe dictára o fentido. Passa depois longo tempo , e nada de novo accrefcenta. Vem em fim o Setembro de 1768 , e então he que faz compor os pós com maleficio , os manda lançar sobre Ferrajolo , e o enfeitiça. Pergunto á authora da quérrela , e

aos

aos que se escodem com a sua capa : por que motivo , depois de hum intervallo de tempo tão consideravel , que per si bastaria a apagar o mais feroz sentimento , se resolve subitamente a viuva a pôr em execução os seus antigos designios , fervindo-se dos maleficios com que ameaçára ? Nem a authora , nem os seus fautores saberão responder-me , mas quererão persuadir , que se não deve fazer caso destas minucias. Assim nomearám as minhas reflexões.

Que mal digesta he a fabula , sobre que se fundou a querêla ! Pertendem que Cecilia Faragó , estando de joelhos na Igreja , enfeitiçára com o movimento dos beijos , dos olhos , e
com

com as orações , que dirigia ao Altar , a Ferrajolo , que cantava ao órgão. Querem persuadir que no mesmo lugar , em que o Padre fôra enfeitigado , e onde tudo está seguro pelo Pam Eucharistico , se lhe mudára de repente a voz , por effeito do que a viuva obrava. Mas como são nefcios ! Se he verdade , que Cecilia era tão provecta na Magia , que podia só com os gestos , e até com os olhos , causar damno na vida de Ferrajolo , como dá por certo a engraçada narração ter Cecilia buscado em Catanzaro o favor de Anna Scarcello , para que esta lhe compozesse os pós , de que tantas vezes tenho fallado ? Aos inimigos da viuva aconteeo o mesmo

mesmo ; que Marcial refere de huma velha , a qual juntando dous venenos para violentamente matar a hum mancebo , não padeceo este , na vida , ou faude , damno algum , por serem os venenos antidoto hum do outro. No Proceſſo ſe acha , que era voz conſtante ſer Cecilia Faragó huma famosa Feiticeira ; mas no meſmo Porceſſo ſe nos diz , que querendo enfeitiçar , buſcára quem ſoubefſe fazer maleficios (1). Em outro lugar do Proceſſo (2) lemos que Cecilia tinha o poder de ir de noite , ſobre os ventos , ás nozes de Benevento ; (que bello prazer !) mas no meſmo Proceſſo ſe aſſevera , que não ſabendo compor

compor os pós , buscára Scarcello para os fazer ; ou como suspeita Nicoláo Taverna (1), os mandára a viuva fabricar por hum certo homem , que ganhava sua vida com as viboras , o qual estivera por dous dias em sua casa. Encontra-se em huma parte do Proceſſo , que Cecilia enfeitiçára só com o movimento dos beijos , e com os olhos , a Ferrajolo , como se vio nos effeitos prodigiosos ; mas em outra parte se pinta Cecilia cheia de cuidados , e ancias , procurando quem lance os pós nos vestidos do Padre ; pós que ella comprára.

Obſervemos como a fatua Roſſetti melhora de eſpaço a eſpaço.

espaço a ordem, e circumstancias da calúmnia. No primeiro requerimento, que faz ao Presidente da Audiencia (1), só diz, que querelava de Faragó, porque publicamente se fallava, que ella fôra a causa da morte de seu filho; mas depois na deposição que fez, ante o Ouvidor Commisario, depõe, *ex causa scientiae*, huma longa serie de factos, que diz foram sempre notos, e claros; e entre elles as maldições contra seu filho, e os Sacerdotes do Lugar. Expõe depois, que da prudencia de Ture, sua visinha, soubera que Cecilia mataria seu filho com maleficios; e declara, que na sua presença succedêra
na

(1) Autos folhas 24

na Igreja a repentina rouquidão por malefícios da viuva; e conta miudamente como alguns dias antes de morrer seu filho, mandára por Felicia Jona rogar a viuva para que desfizesse os crueis feitiços. Além de tudo se contradiz Rossetti tambem, quando expõe nas informações apresentadas á Justiça do Lugar (1), que estando seu filho ao orgão na Igreja, ella, que estava presente, ouvira proferir á viuva contra Ferrajolo pragas, e blasfemias, entre as quaes era esta: que mais não podesse cantar Missa, daquelle dia em diante: porém na deposição juridica affirma, que presencára que estando seu filho ao orgão,

bulia

(1) Aut. fol. 6. a. t.

bulia a viuva com os beijos, como quem rezava, *mas de maneira que se lhe não podia entender palavra* (1)

Todo o Proceſſo he hum montaõ de indiscretas ficções. Acharam-se em casa de Cecilia Faragó unguentos, hervas, mineraes, e especialmente hum embrulho com falsa solutiva, outro com pedra hume de roca, altéa, enxofre, incenso, maſtruço, e sabina. He isto no sentir da querelante hum indicio grave do crime de maleficios; e se crê o uso de tantas hervas, e unguentos, couſa de Magia. Os dous Medicos, de quem tenho feito honrada memoria, examinando os simpli-
ces,

ces , aſſentáram que a ſabina era ſó propria para fazer *abortar* , e para outros uſos , todos malvados. Eu me não maravi- lho , de que caiam em ſemelhan- tes erros , porque tendo-ſe mo- ſtrado ignorantes em couſas tri- viaes da Fyſiologia , como po- diam ter os miſeraveis voto na Botanica? Podiam aprender por qualquer Author deſta Faculda- de , que a ſabina he huma plan- ta calida , ſecca , aperitiva , e que adelgaça , a qual ſim tem muitas vezes feito ſahir o feto , mas a ſua virtude principal he excitar o menſtruo , curar as enfermidades que provém da craſſidaõ dos humores : e po- diam aprender de Boerhaave , que tem virtude para matar as lombri-

lombrigas. O uso innocente dos outros simplices he tão trivial, que até o não ignoram as mulheres. A falsa solutiva são huns pôs feitos de falsa parrilha, folhas de fene, e outras: o seu mesmo nome a declara purgativa. A pedra hume de roca he boa para as excrescências, que vem ás palpebras; para as molestias da boca, e dos ouvidos (1). A altéa he planta emolliente, que serve para os ardores da ourina, para a pedra, e para os humores acres, e corrosivos (2). O mastruço tem as sementes, e folhas calidas, cheias de acrimonia, e que por este motivo alimpa, abre, e adelga-

K

(1) Dioscorides lib. 5. cap. 12. (2) Lemeris delle Droghe.

delgaça , e se usa muito nos tumores do baço , e no escorbuto. Creio ser superfluo fallar do incenso , e do enxofre , de que todos fazem mil usos. Como são pois estes simplices só proprios para maleficios? Nunca veio á cabeça do fatuo Jesuita Martinho Del-Rio , Author de immensas puerilidades , nas suas Disquisições Magicas , hum pensamento tão insulso.

Antes de finalizar este meu discurso , não deixarei em silencio , que a Audiencia de Cantanzaro mandou , que se tirasse nesta causa informação sobre a verdade dos factos (1), e além disto ordenou com especialidade
que

que se devaſſaſſe (1) da calú-
nia , de que a viuva ſe queixára.
Apreſentou a deſgraçada em Jui-
zo as ſuas inſtrucções ; pedio , e
eſperou o cumprimento das or-
dens ; porém o Ouvidor Com-
miſſario , a quem ſe commetteo a
execução , illudido pelo Procu-
rador charlatam , não deo exe-
cução ás ordens , a que prompta-
mente devia obedecer , nem exa-
minou huma ſó teſtemunha de
quantas offereceo a minha cli-
ente. Em fim , tem commettido
taõ grandes nullidades , que nem
a vehemente eloquencia de De-
moſthenes ſeria baſtante a deſ-
culpallo. Outras mais nullidades
exporia , e em particular a que
o Ou-

o Ouvidor commetteo não examinando a numerosa copia de testemunhas, citadas á instancia de Victoria Rossetti; mas tudo omitto por brevidade.

He muito impudente, e desfaforada a impostura maquinada contra a viuva. Accusáram-na de hum crime, que nem houve, nem se póde dar. Quizeram persuadir que Ferrajolo, que morreo tifico, acabára por maleficio; e fabricáram hum Processo, cumulo na verdade de malvadas mentiras. Trasluz por toda esta causa a misera innocencia opprimida. Não he tudo o que acabo de expor hum grande motivo para crer, que o Tribunal superior punirá a facinorosa accusadora, e juntamente os dous Medi-

de Cecilia Faragó. 149

Medicos, matadores de Ferrajolo? Não devo esperar também, que dará prompta, e saudavel providencia na oppressão da affligida viuva?

Napoles 26 de Março de 1770.

Jose Rafael.

Em Cecilia Fawcett. 149

Medicos, matadores de tortas-
solo? Não devo esperar tam-
bem, que darei prompta e lan-
davel providencia na oppressão
da affligida viuva?

Napoles 16 de Março de 1770.

Rasael

